



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS - CESC DEPARTAMENTO DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS LICENCIATURA

TATIARA ASSUNÇÃO SOUSA

“É BRINCADEIRA OU RACISMO RECREATIVO”? O olhar das juventudes do C.E.
Gonçalves Dias sobre o Racismo Recreativo

Caxias – MA

2026

TATIARA ASSUNÇÃO SOUSA

“É BRINCADEIRA OU RACISMO RECREATIVO”? O olhar das juventudes do C.E.

Gonçalves Dias sobre o Racismo Recreativo

Monografia apresentada ao curso de
Ciências Sociais da Universidade Estadual
do Maranhão para obtenção do grau de
licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Elizete Santos

Caxias – MA

2026

S725b Sousa, Tatiara Assunção

É brincadeira ou racismo recreativo? O olhar das juventudes do
C.E. Gonçalves Dias sobre o racismo recreativo / Tatiara Assunção
Sousa. _Caxias: Campus Caxias, 2026.

82f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão –
Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Prof^ª. Dra. Elizete Santos.

1. Racismo recreativo. 2. Juventudes. 3. Escola. 4. Identidade.
5. Brincadeira. I. Título.

CDU 323.14

TATIARA ASSUNÇÃO SOUSA

“É BRINCADEIRA OU RACISMO RECREATIVO”? O olhar das juventudes do C.E.

Gonçalves Dias sobre o Racismo Recreativo

Monografia apresentado ao curso de
Ciências Sociais da Universidade Estadual
do Maranhão para obtenção do grau de
licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Elizete Santos

Aprovado em: 08/07/2026

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

ELIZETE SANTOS

Data: 03/08/2026 10:00:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Elizete Santos. – Orientadora



Documento assinado digitalmente

ROSANE LOPES E SILVA

Data: 05/08/2026 22:53:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Rosane Lopes e Silva



Documento assinado digitalmente

ANTONIO HENRIQUE PASSOS DE SOUSA SANTOS

Data: 03/08/2026 20:22:19-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Espe. Antonio Henrique Passos Santos

Dedico este trabalho, ao meu Senhor Jesus, que me sustentou até aqui, a Ele, toda honra e glória. Gratidão eterna a minha família e amigos, pelo apoio e amor. Esta vitória é de cada um que segurou minha mão ao longo desse caminho.

AGRADECIMENTOS

A caminhada, até aqui, foi longa. Entre pedras, tropeço e lágrimas cheguei ao final da trajetória. Não caminhei sozinha ao longo da jornada, esteve comigo, desde o princípio, o Senhor Jesus, que me sustentou, até aqui, nos momentos mais difíceis. Portanto, ao Senhor dedico esta vitória, e a todos que seguraram minha mão, e foram pontes.

Em especial, a minha mãe Maria da Conceição; meus irmãos Antônio Cicero, Tatiane e Thatiely. Sem vocês nada disso faria sentido. Agradeço a meus amigos, que Deus me deu: Francisca Kelle e Francisco Rian, que, juntos, experienciamos as aprendizagens providas de momentos da graduação e da vida. Muitas noites em claro, crises de ansiedade, mas sempre estivemos juntos, e estar com vocês, hoje, representa um momento muito especial para minha vida.

Agradeço às minhas pastoras Eliane Colaço e Diana Colaço, pelos conselhos e apoio aos meus sonhos, a minha amiga e irmã, em Cristo Jesus, Emanuele Alencar, com você aprendo a ser mais forte todos os dias, a minha tia Juraci, por ter sido meu porto seguro e sempre me deu colo, aqui, na universidade. Agradeço a minha amada orientadora, Professora Dra. Elizete Santos por todo o conhecimento e afeto compartilhado. Agradeço à comissão julgadora por contribuir com a minha pesquisa, à Universidade Estadual do Maranhão-(UEMA) e ao Curso de Ciências Sociais. A todos os professores que contribuíram significativamente para a minha formação enquanto profissional da educação e pelos cinco anos de muitos aprendizados que me propulsionaram.

Apreendi, durante essa trajetória, que ninguém chega em lugar nenhum sozinho, e que todos precisamos de pessoas escolhidas por Deus para caminhar conosco. A luta foi intensa, mas venci, não pela força do meu braço, mas porque eu consagrei ao senhor todos os meus projetos e sonhos. Hoje, contemplo a realização de abrir caminhos para as futuras gerações da minha família, tornando-me a primeira de muito(a)s a ter ensino superior. Depois de cinco anos, a menina que ingressou na universidade cheia de medos e sonhos, semeando com lágrimas cada semente, e, agora, se revela uma mulher mais forte e consciente de seu papel como profissional, com suas conquistas, cantando hinos de alegria, sabendo que quebrou barreiras e seguindo com fé de que Deus fará coisas maiores daqui para frente.

*“O racismo recreativo expressa uma
hostilidade racial em termos lúdicos. O riso
é usado como uma cortina de fumaça para
disfarçar o preconceito.”*

- Adilson Moreira.

RESUMO

A proposta do presente trabalho tem como objetivo compreender a percepção das juventudes do C.E. Gonçalves Dias sobre “racismo recreativo” definido como uma política cultural que utiliza o humor, e as piadas para colocar indivíduos negros em condições de inferioridade. (Moreira, 2019), entre as juventudes, esse fenômeno evidencia-se nas interações cotidianas, no ambiente escolar, espaço de convergência de diferentes identidades onde, frequentemente, o racismo passa despercebido e é interpretado como mera “brincadeira”. A pesquisa é de caráter qualitativo e de campo, diante disso busca-se identificar por meio do método da observação não participante, atitudes, falas, e piadas específicas do fenômeno racismo recreativo entre as juventudes do C.E. Gonçalves Dias, e analisar os impactos nas relações interpessoais das juventudes. O estudo está fundamentado nas contribuições de teóricos como Silvio Almeida (2019), Adilson Moreira, (2019); Djamila Ribeiro (2019) Grada Kilomba (2018), Nilma Lino Gomes, (2021), Hall, (2014), Antônio Groppo (2018), (Munanga (2005) Lilia Schwarcz (2011); Cecília da Silva (2011) Lelia Gonzales (1984), entre outros. A luz da análise dos dados, é possível concluir que a falta de conhecimento das juventudes sobre o fenômeno “racismo recreativo”, naturaliza, camufla e fortalece as raízes do preconceito, resultando em graves danos psicológicos, sociais e físicos para as juventudes negras.

Palavras-chave: Racismo Recreativo; Juventudes; Escola; Identidades, Brincadeira.

ABSTRACT

This study aims to understand how young people at C.E. Gonçalves Dias perceive "recreational racism"—defined as a cultural practice that uses humor and jokes to position Black individuals as inferior (Moreira, 2019). Among these young people, the phenomenon manifests in everyday interactions within the school environment—a space where diverse identities converge and where racism often goes unnoticed, dismissed as mere "joking." This qualitative field study employs non-participant observation to identify the attitudes, speech, and specific jokes associated with recreational racism among the youth at C.E. Gonçalves Dias and to analyze the impact on their interpersonal relationships. The study draws on the work of theorists such as Silvio Almeida (2019), Adilson Moreira (2019), Djamila Ribeiro (2019), Grada Kilomba (2018), Nilma Lino Gomes (2021), Hall (2014), Antônio Groppo (2018), Munanga (2005), Lilia Schwarcz (2011), Cecília da Silva (2011), and Lelia Gonzalez (1984), among others. Analysis of the data leads to the conclusion that the young people's lack of awareness regarding "recreational racism" naturalizes, masks, and reinforces the roots of prejudice, resulting in severe psychological, social, and physical harm to Black youth.

Keywords: Recreational Racism; Youths; School; Identities, Joke

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Escravidão no Brasil: Violências e permanências históricas	17
1.2 As permanências da violência e resistências do povo negro	20
1.3 Anúncios de jornais do século XIX: A raiz do racismo recreativo.	21
2. O RACISMO ESTRUTURALALIMENTANDO O RACISMO RECREATIVO	30
2.1 As formas do Racismo recreativo	33
2.2 O racismo recreativo vinculado nas mídias televisivas	34
2.3 Impactos do racismo recreativo na construção da identidade étnica ds juventudes	37
2.4 O chão da escola como espaço de manutenção e desconstrução de práticas racistas	40
3. OS CAMINHOS PERCORRIDOS	43
4. “É BRINCADEIRA OU RACISMO RECREATIVO JOVEM?”	45
4.1 O olhar das juventudes: “Quando a brincadeira esconde o racismo o racismo ”	47
4.2 A naturalização do racismo recreativo e seus danos psicológicos e sociais nas interações interpessoais.....	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE	60
ANEXOS	62

1. INTRODUÇÃO

O racismo, é um sistema de violência que inferioriza os indivíduos negros por causa da raça. Pode ocorrer tanto de maneira implícita como explícita, causando desigualdades e interferindo diretamente no processo de construção das pessoas negras em todos os âmbitos de sua vida, seja no trabalho, na escola, no núcleo familiar ou nas relações interpessoais. O racismo se apresenta na sociedade brasileira de formas diversificadas, e possui uma base estrutural, que segundo Almeida (2019) é um processo político, histórico e institucional. Segundo o autor:

Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.(Almeida, 2019,p,26)

Esse processo é tão intenso, que se ramifica em outras variáveis, como o Racismo Recreativo, objeto deste estudo, que, de acordo com Adilson Moreira (2019, p. 63), é uma política cultural”, presente na sociedade para destacar a relação entre negros e brancos no que se refere à transcendência racial. Manifesta-se por meio de piadas ou “brincadeiras depreciativas” contra pessoas negras, enquadrando-se no crime de injúria racial.

Uma das principais consequências do racismo recreativo é o impacto na autoestima da população negra, afetando, indiscutivelmente, o reconhecimento de negritude dessa população, assim como a estigmatização de seus traços físicos, uma caracterização de tudo que é relacionado às pessoas de pele negra, como ruim, ou feio. Nas piadas voltadas para a população negra. a raça e a identidade étnica, sempre são colocadas em pautas, buscando resgatar o passado da escravidão, pois o objetivo é colocar essa população, em situação de ridicularização. Portanto, é importante ressaltar que o racismo recreativo não pode ser compreendido como uma brincadeira, para que não se torne uma forma disfarçada do racismo estrutural, que se pode configurar em agressão, segundo Moreira:

Ele deve ser visto como um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial. (Moreira, 2019,p,95).

Em razão das leituras e de observações, a escolha da temática se fundamentou, também, com base nas experiências vivenciadas na trajetória escolar, tanto ensino

fundamental quanto no ensino médio. Enquanto menina negra, oriunda de escola pública, da zona rural da cidade de Caxias MA, por diversas vezes, não percebia a violência, mas sentia na pele, ainda que não entendesse os olhares “atravessados”¹, gestos e “brincadeiras” dos colegas, além de ser vista por eles, como uma menina menos “bonita”, porque a concepção de beleza que se tinha era “meninas brancas e de “cabelo “bom”, adjetivo utilizado na época, e atualmente para descrever cabelos lisos e logos, já que cabelos crespos ou cacheados são adjetivados como “cabelos ruins”. Meus cabelos sempre foram crespos, porém observava que o processo de alisamento de cabelos em outras meninas era constante, em uma tentativa inocente de pertencer ao padrão de beleza aceito pela sociedade. No entanto, eu não usava cabelos soltos na escola o motivo era simples, o medo de não ser aceita, apenas uma ilusão, pois compreendi que o fato de ser uma menina negra, independia de cabelos serem soltos ou não.

Já no Ensino Médio, foi diferente, consegui soltar os cabelos e abracei minha identidade negra, e a partir desse momento de vida, comecei a entender muitas questões sobre quem sou. No Ensino Superior, ao adentrar ao curso de Ciências Sociais, com as disciplinas de educação, em especial, um projeto de extensão intitulado “Identidade Negra: A percepção do aluno do ensino médio”, no âmbito da disciplina Prática Curricular na Dimensão Escolar desenvolvido no segundo período com amigos do curso, foi extraordinário.

A experiência evidenciou a necessidade de aprofundar o debate sobre as manifestações do racismo, especialmente aquelas mascaradas de descontração ou “brincadeiras”. Foi possível conhecer a história de jovens negros que sofreram/sofrem com as violências causadas pelo racismo. Nas entrevistas, observou-se a mesma realidade por mim vivida em tempos anteriores. Relataram já ter sofrido racismo, principalmente na escola, seja pelos cabelos crespos ou pela cor da sua pele. Diante disso, estimulou-se o interesse pelos estudos étnicos raciais.

A pesquisa é de caráter qualitativo, e de campo, em que foram escolhidos 10 estudantes, na faixa etária de 15 a 20 anos, que estão no primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio do Centro de Ensino Gonçalves Dias, localizado na área central da cidade de Caxias-Ma, no turno matutino e vespertino. O método utilizado foi a observação não participante, e entrevistas abertas e semiestruturadas, tendo o Diário de campo como instrumento. A escolha do local de pesquisa se deu pela vivência realizada no Estágio Supervisionado do Ensino Médio do curso de Ciências Sociais, por causa de uma atividade

¹ Olhares expressando desconfianças ou julgamento

realizada sobre o dia da Consciência Negra na escola, na qual se presenciou “falas racistas de alunos. Porém, quando estes foram questionados sobre as falas, eles disseram que era “brincadeira” e que eram amigos, o que despertou o interesse em estudar essa realidade, pois se constatou, nessa primeira observação, uma naturalização do racismo recreativo no ambiente escolar.

A opção do espaço também se deu pela familiaridade com a escola, entendendo ser ali, um dos locais em que os jovens estão construindo suas identidades e se percebendo no mundo.

Nessa construção há erros, acertos e é nesse processo que a instituição entra proporcionando práticas formativas de desnaturalização do racismo. Trata-se de um espaço no qual os jovens estão em contato com realidades distintas, e o racismo pode se apresentar de maneira sutil, a princípio sem maldade, disfarçado culturalmente de brincadeira. Sobre essa afirmação, colabora Araújo e Junior (2022, p.20).

Ao focar no chão da escola, analisando as relações ainda estabelecidas e imputadas ao fenótipo negro, pode-se perceber que as marcas assentadas no período colonial seguem chanceladas, por meio do racismo estrutural e/ou sutil, entranhadas ao fenótipo negro, pesando sobre sua existência, liberdade de expressão, cultural, corporal, religiosa e linguagem.

Ao observamos com mais atenção para o cotidiano, percebemos que o racismo remanescente da escravidão ainda se manifesta nos gestos e falas de muitas pessoas, vale ressaltar que ele não é biológico, mas construído historicamente pelo sujeito não negro (intitulado branco), como instrumento de dominação, e muitas vezes reproduzido pelo sujeito negro através de microagressões, que passam despercebidas no cotidiano. O racismo é multifacetado, é consequência do período escravocrata no Brasil, que limita a história da pessoa negra apenas ao retrato da escravidão, apagando assim as contribuições sociais, políticas, e culturais desse grupo.

Na escola, na igreja, assim como em outras instituições sociais, a violência contra o corpo negro pode se manifestar através das várias formas, a questão alarmante se refere às sutilezas em que se apresenta. Na escola, podemos observar desde a interação na entrada, aos olhares nos momentos de intervalos, ou mesmo, nos pequenos gestos ou tentativas de depreciar o(a) outro(a) pela cor da pele na saída da escola, há sempre uma “piada”, que não tem nada de engraçada, mas marca ferrenhamente o sujeito agredido. Essa marca, causa dor no outro, e reforça estereótipos que inferioriza o negro. Esse racismo disfarçado de “brincadeira”, pode não ser identificado como tal pelos jovens, já que ocorre em momentos

de descontração entre eles, mas imprime marcas que causam sequelas tanto no sujeito que sofre o racismo, quanto na própria sociedade, visto que o homens brancos e negros são partes constituintes essenciais dessa sociedade.

Diante das questões apresentadas, o objetivo geral da pesquisa é: compreender qual a concepção das juventudes sobre o fenômeno racismo recreativo, e suas consequências nas interações interpessoais. Assim, tensionaremos as seguintes inquietações: O racismo recreativo é percebido pelos jovens? Quais os impactos sociais e psicológicos dessa prática nas relações interpessoais dessas juventudes? Interrogações que serão respondidas após a entrevista presencial com as juventudes.

Partimos da compreensão da importância da educação nessa luta, entendendo que através dela as práticas de racismo sejam desnaturalizadas, e se tenha capacidade de proporcionar reflexões sobre a gravidade do racismo, e outras formas de violência. É válido lembrar que já faz 23 anos da implantação "da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do Ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas" (Ribeiro, 2004, p.8), mesmo com a existência da lei ainda é comum a ocorrência de violência racial nas escolas públicas e particulares. Segundo Ribeiro, dentre as formas alegóricas estão, "apelidos depreciativos, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura dos cabelos, desrespeito as religiões de matrizes africana etc. (Ribeiro, 2004.8).

Essas estereotipias cotidianas, no interior das instituições reproduzem o racismo (Almeida, 2019). Nesse contexto, a pesquisa se faz relevante para entender como esse fenômeno se manifesta através do processo sociocultural, e dessa forma, venha contribuir como base para estruturação de um trabalho para desnaturalizar práticas racistas no chão da escola, vistas como "normal", é sabido que o racismo é estrutural, e a escola como instituição social e mediadora no processo de construção do conhecimento crítico tem o importante papel de "assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão. E essa deverá se posicionar, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação" (LDB, p.16). Com a mudança das diretrizes da LDB, as questões raciais tiveram mais espaços nas discussões de sala de aula, do ensino básico, fundamental e médio. Não se trata de falta de conhecimento da existência do racismo, é verídico que ainda é um fato presente nesse espaço, mas existe uma raiz ainda mais profunda que se mantém no inconsciente ou subconsciente das juventudes.

Em se tratando de uma pesquisa de campo, no qual os sujeitos são juventudes, procuramos a direção do C. E. Gonçalves Dias, sobre a Gestão do professor Emanuel

Galdino, que nos concedeu a autorização para a realização da pesquisa, reconhecendo a importância deste estudo se colocou à disposição, também tivemos apoio da professora Liliane Bueno e Silva, que permitiu que fossem realizadas as observações não participantes durante suas aulas na disciplina de Sociologia.

No mês de maio foi realizada a observação não participante, em lugares estratégicos da escola, sala de aula, corredores e na cantina no período de intervalo das aulas. Na ocasião, se buscou utilizar o diário de campo para registro de forma sistemática a dinâmica do local, como as “falas e gestos dos alunos nas interações do recreio”. No mês de junho foram realizadas as entrevistas com 10 estudantes, entre meninos e meninas de 15 a 20 anos, vale destacar que cerca de 90% das juventudes que estudam na escola são negros, de bairros periféricos, como Vila Paraíso e Eugenio Coutinho, e que estão no primeiro, segundo, e terceiro ano do ensino médio, do turno matutino e vespertino.

Após as observações não participante, e escolha dos estudantes para a pesquisa, ocorreram as escutas, através de entrevistas semiestruturadas, com foco em saber se eles(as) sabem o que é racismo recreativo, e se já sofreram ou se já praticaram alguma forma de racismo, e as consequências dessa prática nas relações pessoais. E por último, se propôs uma análise mais precisa, sem julgamento, nem juízo de valor, ou críticas aos estudantes, mas levá-los a uma reflexão sobre o fenômeno do racismo recreativo, e assim desnaturalizar essa prática no meio deles. E a análise teórica dos dados obtidos para concluir se as suspeitas são verdadeiras ou não.

A pesquisa, é composta por quatro capítulos, no primeiro intitulado “Escravidão no Brasil: Estruturas, Violências e Permanências Históricas”, apresenta um pouco do histórico das violências do período escravocrata contra corpos negros. Durante o período colonial no século XIX, se revelor como tais práticas e estruturas históricas contribuem para a consolidação de dinâmicas sociais que, na contemporaneidade, sustentam a permanência do racismo.

No segundo capítulo, “Racismo Estrutural alimentando o Racismo recreativo”, propõe-se uma análise fundamentada em registros históricos, incluindo jornais da época, especialmente aqueles que retratam a comercialização de homens e mulheres escravizados e as fugas de negros escravizados dos engenhos e zona urbana. A partir dessas fontes busca-se identificar como a inferiorização dos traços fenóticos de pessoas negras era construída discursivamente naquela época, bem como discutir as configurações dessa prática na atualidade, manifestada em discursos de “piadas”, presente nos variados meios de comunicação.

Já no terceiro capítulo, intitulado “Caminhos percorridos”, será apresentado a trajetória da pesquisa até chegar nos sujeitos desse estudo, as juventudes do Gonçalves Dias, o passo a passo, e os desafios encontrados pelo caminho. No quarto e último capítulo, “É brincadeira ou racismo recreativo jovem?”, será versado sobre os olhares das juventudes. Serão apresentados os resultados, e analisados teoricamente dos dados provenientes das entrevistas realizadas, e a experiência vivenciada durante a pesquisa, e, assim, buscar compreender as percepções das juventudes acerca do Racismo recreativo, e os impactos nas interações interpessoais destes.

1.1 Escravidão no Brasil: Violências e permanências históricas.

Entre 1530 e 1550, segundo estudiosos do africanismo, homens e mulheres negros, foram sequestrados de diferentes lugares do continente Africano, “Vinhão os negros de Angola, do Congo, de Benguela, de Cabinda, de Mossamedes, na África Ocidental, de Moçambique e do Quelimane, na Contra-Costa.”(Sodré,2004,p.72) , e também da Guiné, a maioria era de homens jovens mas também mulheres e crianças, decorrente do comércio de tráfico negreiro era o “negócio mais rendável” entre os séculos XV e XIX. Os Africanos eram colocados em navios negreiros pelo Oceano Atlântico, e transportados em condições precárias até uma terra desconhecida, nomeada como o “Novo Mundo”, no caso o Brasil. No trajeto de sofrimento e dor, muitos morreram, seja pelas condições sub-humanas, doenças transmitidas pelos brancos e contato com outros africanos de diferentes lugares do continente , ou por se jogarem ao mar. O suicídio era uma prática comum nos navios negreiros, uma atitude praticada pelos negros aprisionados, como uma forma de se libertar da opressão, e da crueldade que esses humanos estavam vivendo. Os navios negreiros não comportavam a grande quantidade de escravizados, eles precisavam se organizar na parte de baixo do navio, uns por cima dos outros sem nenhum conforto, só se alimentavam uma vez ao dia, e a viagem era longa, podia durar dias ou até meses dependendo do destino do desembarque.

Ao chegarem ao Brasil, essas pessoas escravizadas eram vendidas como mercadoria barata, para o trabalho escravista, em diversas regiões do país, vale ressaltar que o Sudeste em especial o Rio de Janeiro, foi o estado que mais recebeu Africanos em seus Portos, Salvador e Recife também. De acordo com Santos (2006, p.39), depois da exploração dos povos indígenas, como força de trabalho escrava, os africanos se tornaram mais eficazes para esse objetivo, novos corpos para maltratar, essa foi a maneira que os Europeus exploraram as riquezas e povoaram as terras da colônia.Santos (2006, p.39) resalta que houve:

(...) retirada violenta de Africanos de suas comunidades, conduzidos para trabalhar como escravos em terras distantes, foi a solução encontrada pelas potências coloniais Europeias para povoar e explorar as riquezas tropicais e minerais do Novo Mundo. (Santos,2006, p.39).

O comércio negreiro era uma atividade unicamente mercantilista, o corpo negro foi a máquina de exploração para os europeus, os sequestros não eram realizados de modo aleatório, haviam estratégias para a execução desses sequestros, e para isso, se priorizava a

captura de negros de comunidades diferentes para dificultar a comunicação entre eles. A estratégia era separar membros de uma mesma família, como mães e filhos, tudo isso para evitar que os cativos se organizassem e se rebelassem contra a escravidão.

A violência contra pessoas negras está relacionada ao processo de produção, acumulação e exploração das riquezas no Brasil. O corpo negro, era a máquina de produção, tanto na zona rural, no caso das fazendas das plantações de açúcar, algodão, café entre outros produtos, como nas ruas das grandes e pequenas cidades.

A escravidão além de ser um meio econômico, também foi um sistema social que desumanizou a população negra e ampliou as desigualdades sociais e racial (Santos, 2006). A estratégia do dominador é reprojetar tudo que é ruim ao negro, quando na verdade ele não assume que os defeitos estão no olhar desse dominador racista. Grada Kilomba (2019, p.37) descreve da seguinte forma:

No mundo conceitual branco sujeito, identificado como sujeito ruim, incorporando os aspectos que a sociedade tem reprimido transformado em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça o perigo o violento, o excitante e o sujo, mas desejável premindo á branquitude olhar para si mesmo como moralmente ideal decente civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude histórica. (Kilomba, 2019, p.37)

Kilomba, ressalta, a inversão dos papéis, os negros foram colocados como criminosos e violentos, porém ,quando lemos os escritos do período colonial, encontramos o contraditório, pois foi o branco dominador quem sequestrou, escravizou e assassinou, primeiros os indígenas, e depois africanos, houve um genocídio legalizado. Portanto, o verdadeiro vilão da história da pátria brasileira, são exatamente os ditos civilizados e majestosos, homens defensores dos valores e costumes do colonizador de terras brasileiras. De acordo com Frantz Fanon, (2008) na obra “Pele negra máscaras brancas” ressalta que o colonizador imprimiu uma imagem social do branco como o anjo, o salvador, e ao negro é atribuído tudo que é ruim. Fanon ainda afirma:

Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta proposição, estaremos condenados a falar em vão do “problema negro”. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. (Fanon, 2008, p.160)

Essa impressão projetada ao negro de ser alguém ruim em oposição ao homem branco considerado bom, ou ainda, o preto ser o profano, o não humano, sem alma, por isso pode ser escravizado, violentado etc, enquanto branco colonizador representante do europeu católico, de imagem e semelhança de Deus, no qual seu corpo é limpo, sem defeito jk. Enquanto o negro é um ser sem alma, desprovido de ética, moralidade e seu corpo é um instrumento para o uso do trabalho pesado, ou para a satisfação de desejos impuros que não podem ser realizados com aqueles que carregam a santidade, e pureza. Foucault, (1987), em sua obra “vigiar e Punir”, dialoga essa compreensão de como os dominadores imprimem a opressão através do corpo. Para ele, “o corpo exerce um papel importante, sendo indispensável para a produção das violências, diante disso, entende-se que o corpo negro é o ideal para o castigo, seja físico ou simbólico.

[...]o corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso[...] (Foucault,1987,p.29)

Dessa forma, o corpo negro é desprovido de direitos, visto como propriedade do branco colonizador. Corpos que eram exigidos para trabalhar até a morte, porque o corpo preto não tinha valor, não importava a chuva ou sol, ao final do dia não era permitido nem ao menos se divertir, e cultivar sua fé, suas raízes ancestrais, essas ações eram realizadas na clandestinidade. Práticas desumanizadas possuem permanências históricas, proporcionando um estilo de vida que fez nascer o racismo. Por isso, pode-se caracterizar o Brasil colonial e imperial, como uma sociedade escravista, e não apenas uma sociedade que possuía escravos. Podemos dizer também sociedade racista, à medida em que negros e mestiços, escravos, libertos e livres, eram tratados como “inferiores” aos brancos europeus ou nascidos no Brasil. Assim, ao se criar o escravismo estava-se também criando simultaneamente o racismo. (Santos,2006,p.68).

Além disso, a sociedade brasileira foi alicerçada no trabalho escravo, o Brasil é um país racista desde sua origem, homens, mulheres e as crianças foram explorados, seus corpos e mentes, para que mais tarde fosse descartado. Para o Europeu, o negro estava contaminando a pureza do branco e essa ideia de nacionalidade do branco terminava que atrapalhando essa ideia de beleza produzida para o mundo. Nesse sentido, a população negra deveria desaparecer com o passar do tempo, já que não se tinha muitos nascimentos e a mortalidade

de pessoas negras era muito alta. Essa foi uma das políticas de embranquecimento do Brasil. E atualmente, esse racismo persiste. O negro desde a travessia do atlântico, até a chegada às Américas, resistem.

1.2 As permanências da violência e as resistências do povo negro.

Atualmente, as pessoas negras permanecem na linha de frente, e os mecanismos de permanência da violência são visíveis, não é raro as notícias de injúria racial, de pessoas negras que saíram de sua cidade ou Estado para buscar melhores condições de vida e se depararam com o trabalho análogo a escravidão, a violência de gênero e os dados mostram que mulheres negras são as que mais morrem vítimas de feminicídio e violência doméstica. De acordo com Nilma Lino Gomes, (2021), os negros continuam sendo o alvo do racismo, que se antes eram mortos pela escravidão hoje continuam tendo a vida ceifada pelo racismo estrutural.

Situações como o genocídio da juventude negra; o feminicídio que assola a vida das mulheres negras; as balas perdidas que só encontram os corpos negros das vilas e favelas; a violência policial, que historicamente marca a vida da população negra são noticiadas cotidianamente pela mídia, denunciadas pelos movimentos sociais, discutidas pelas influenciadoras e pelos influenciadores digitais negros e não negros comprometidos com a luta antirracista. (Gomes, 202,p.439)

A Juventude negra é vista por essa sociedade racista como ameaça e as meninas de pele retinta ou pardas, são vistas como objeto sexual ou empregada doméstica. Esse lugar de subalternidade que o negro (a) foi submetido não é natural, e sim, resultado do processo social e histórico que lhes foi colocado. E não pode ser normalizado. Não é normal, a bala perdida encontrar, na maioria dos casos de violência o corpo negro, nem metade das mulheres que trabalham como domésticas, serem negras.

No dia a dia, nos noticiários, em todos os lugares, quando ligamos a televisão, ou celular vemos as notícias do dia: “manchete: Mais um jovem negro baleado em alguma parte do Brasil,” no mapa da violência, o jovem negro aparece como sendo o que mais morre de formas violentas pela polícia. Dessa forma, compreendemos que o sistema carcerário tem cor, gênero e classe social. Seguem alguns ditos que direcionam esse pensar:

No nosso cotidiano é comum ouvirmos frases como: “bandido bom é bandido morto” “direitos humanos só servem para proteger criminosos”. “O ECA só serve para proteger a adolescência criminosa e violenta, por isso é preciso reduzir a maioridade penal”. “Negro parado é suspeito e correndo é ladrão. (Gomes;laborene,2018.p,4)

De acordo com o G1, “a cada 66 minutos é registrado um assassinato e cerca de 77% das vítimas são negras no nosso país”, as estatísticas só reafirmam que o projeto de morte da população negra permanece, e por essa razão que as criadas políticas públicas pelo Estado, para buscar garantir o direito à vida. Segundo os dados do G1 “Em 2024, foram registrados 32.820 homicídios de pessoas negras. No Atlas da Violência 2026, negros têm quase três vezes mais risco de serem assassinados no Brasil do que brancos”.(Fonte: G1, Nayara; Felizado, 2026).

Os dados escancaram o racismo, estatísticas de mortes violentas alerta que negros são os que mais morrem, existe na nossa sociedade, uma política de morte que Achille Mbembe, (2018) vai chamar de “Necropolítica”, esse sistema decide quem tem direito a vida, quem pode viver e quem deve morrer. Nesse sentindo, percebe-se que os negros são negligenciados pelo Estado, e deixados para morrer, seja pela desigualdade ou pela própria violência.

Apesar de toda essa necropolítica voltada à população negra, eles não desistiram, de um dia ser verdadeiramente livres, e lutam contra a opressão cotidianamente. Segundo Leite, (2017), no período escravocrata, os negros(as), criavam estratégias de fugas como a criação de Quilombos, criavam laços afetivos e de solidariedade, e resgatavam seus irmãos cativos do cativeiro.

Uma das características das comunidades formadas por escravos fugidos era a existência de alianças com outras comunidades: indígenas, comerciantes, libertos e pequenos agricultores. Conhecidas como quilombos ou mocambos, essas comunidades foram aparecendo em várias localidades brasileiras: próximas aos engenhos, às minas de ouro e pedras preciosas, nos sertões e nos campos. À medida que os quilombos iam surgindo, cada vez em maior número e em diferentes locais, a repressão aumentava, sendo feita por iniciativa dos proprietários, que colocavam os “capitães-do-mato” em busca dos fugitivos ou contratavam agregados para capturá-los, ou iniciativa governamental, com expedições militares e leis mais severas.(Leite, 2017,p.6).

Desse modo, a população negra sobreviveu e seus remanescentes seguem criando estratégias para combater o racismo, o genocídio, a desigualdade social mantendo viva a sua tradição e fortalecendo a identidade, buscando a cada dia fortalece-la. É importante destacar que o racismo, esse manifestado como “brincadeira”, tem uma raiz e podemos identificar através dos jornais do século XIX.

1.3 Anúncios de jornais do século XIX: A raiz do racismo recreativo.

O uso dos jornais como fonte histórica e cultural é muito importante para analisar o contexto de diferentes períodos históricos, no Brasil ele teve popularidade no século XIX, com a vinda da família real para o Brasil, em 1808, se estabelecendo no Rio de Janeiro e trouxe consigo a imprensa régia, e inicialmente teve o jornal correio Brasiliense produzido em Londres, para atender ao público da América Portuguesa, (Barros, 2021,p.412) , Mas o primeiro jornal impresso genuinamente brasileiro foi o jornal da Gazeta, desde então, esse meio de comunicação passou a fazer parte da vida cotidiana dos brasileiros. Vale ressaltar que nem todos os brasileiros tinham acesso, sua importância vai muito além de informar as principais notícias da corte, ou trazer as informações do dia a dia, como se percebe nesse posicionamento de Barros:

Eles também comunicam ideias e valores, e através destas ideias e valores buscam agir sobre a sociedade, além de representarem certos interesses – não necessariamente um único setor de interesses, mas sim um campo de interesses no interior do qual diversos fatores interagem. (Barros, 2021,p.401)

Assim, os jornais se tornaram uma ferramenta poderosa, visto que esse veículo transmite ideias e valores carregados de ideologias, na sua grande maioria da classe dominante, porque nesse período apenas uma pequena massa da sociedade que detinha o conhecimento erudito, ou seja, os letrados com o domínio da escrita e da fala tinham acesso, enquanto analfabetos e escravizados não tinham esse acesso ou contato com as informações publicadas nesses jornais. É necessário entender que por trás de uma notícia existia interesses, e os jornais, como já foi dito são divulgadores de ideologias dominantes, e desde sua implantação contribuíram para a legitimação da escravidão no Brasil.

Nessa época, o país estava vivendo o período escravocrata, o jornal além de divulgar os interesses da coroa portuguesa, também fazia circular as matérias de comercialização de pessoas escravizadas. Um dos jornais de grande circulação da época era de um português: “O jornal era impresso em tipografia fundada pelo comerciante, livreiro, editor e tipógrafo português Manuel Antônio da Silva Serva, esse era o único periódico da época que comercializava escravizados advindos de África e nascidos no Brasil.” (Sousa, 2025.p,167).

A venda de homens, mulheres e crianças negras constituía uma atividade econômica muito lucrativa, na qual o corpo negro era comercializado como uma mercadoria. Nos

processos de compra e venda, ou nos aluguéis, os anúncios publicados nos jornais, as características fenotípicas dos traços físicos dos negros deveriam ser bem detalhadas, a cor da pele, a textura do cabelo, e ainda cicatrizes resultadas das violências que sofriam, os jornais também divulgavam as fugas dos escravizados.

Possivelmente, como se tratava de uma “mercadoria” estes eram guardados para possível troca por recompensa. O que tudo indica é que tinha uma espécie de serviço que alegava encontrar escravizados e solicitar recompensa como devolução. As vestimentas e as características dos escravizados normalmente eram referidas com grande apuro descritivo no intuito de encontrar os escravizados rapidamente e precisamente, dada à quantidade de casos de escravizados fugidos. (Sousa, 2025.p,270)

Vejamos, pelas características expressas nos jornais que as pessoas negras não tinham identidade, porque foi-lhe tirado, o nome de origem, e substituído por apelidos ou simplesmente era chamados de “Negros, (a), negrinhos(a), para frisar a desumanidade, e inferioridade. A historiadora e Antropóloga brasileira, Lilia Schwarcz, (2001), em sua obra “Retrato em preto e branco”, se dedicou a fazer um trabalho interessante sobre como os negros eram representados socialmente, através dos periódicos dos jornais da cidade de São Paulo, no século XIX, segundo Lilia, os escravizados não tinham identidade própria e muitas vezes seus nomes nem apareciam nos jornais, além de serem lidos como não civilizados e bandidos:

Nessas seções, em que o negro muitas vezes torna-se o tema central, parece haver uma proliferação de discursos e representações: existe o negro “comprovadamente” inferior dos editoriais científicos; o negro degenerado e não civilizado das notícias; o negro fujão e marcado dos anúncios de fuga; o negro desordeiro ou “suspeito de escravo” das ocorrências policiais; o negro das “mortes naturais” presentes no “obituário”; o “negro alugado” dos classificados e “dependente” das notícias de libertação; ou o “feiticeiro” dos contos de suspense.(Chuwarcz,2001,p.175).

Assim, percebe-se que todas as notícias publicadas nos jornais referentes a pessoas negras, eram relacionadas à coisas ruins, e pejorativas, seus nomes raramente apareciam nos anúncios, os negros(as), evidenciam a desumanidade e objetificação desses.

Dessa forma, buscamos trabalhar também com jornais do século XIX, para identificar aspectos relevantes do imaginário social construído pela imagem dos homens negros nesses anúncios para confirmar a raiz do racismo recreativo, com foco nos jornais encontrados no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, para analisar “apelidos” e características fenotípicas que eram atribuídos aos escravizados pelos senhores

brancos, foram três jornais pesquisados: Maranhão, Rio de Janeiro, e São Paulo. O primeiro é um jornal do Maranhão:

Figura: Jornal Instrução e Recreio, de 1845



Fonte: Hemeroteca Digital.

O poema foi publicado no jornal Instituição e recreio, no Maranhão, datado de 25 de fevereiro de 1844. Na estrofe: “Entre os ferros gemer se escuta o escravo longe dos crimes, que nasce o virão; rigoroso, cruel, bárbaro monstro, que insulta a natureza, e desconhece As leis da humanidade e da clemencia, nos roxos pulsos o grilhão lhe aperta.” (Instrução recreativo, 1845) o negro é retratado com adjetivos ruins, dando a entender que o negro é um ser perigoso, violento e que representa perigo para a sociedade brasileira. Entende-se, que através desses estigmas foi criada uma imagem preconceituosa, e estereotipada, como criminoso. Paralelamente a isso, o estigma do “negro criminoso” acompanha o negro até hoje, nas ruas, supermercados e aonde for, sua cor é o alvo, ser negro já é razão para desconfiança.

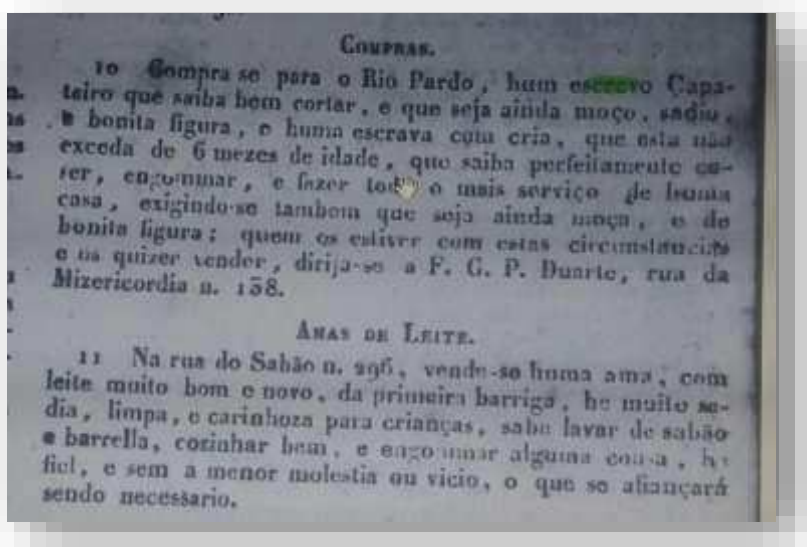
No mesmo verso diz: “Nesse dia, ó meu Deus, os negros crimes. Os castigos terão de eternas chamas; Bastantes rostos enrugados, feios,”. Nos atentamos para a o adjetivo “feio” no final do verso, demonstra que o negro para a sociedade da época era desprovido de beleza. O que atualmente, quando alguém vai fazer um elogio a uma pessoa negra, ela diz uma beleza exótica. Porém, isso não é um elogio, se trata de mais uma inferiorização disfarçada. Nos anúncios de fugas, os escravizados são identificados pelos traços físicos e marcas de exploração do trabalho forçado. Retrata os aspectos físicos dos negros, encontrados nos anúncios, remonta para a crueldade marcada e tatuada a ferro quente na pele, deformações no corpo, e na alma, o povo negro naquele tempo por causa das queimaduras do sol e das demais violências, eles foram mencionados como “não bonitos”. Mas não somente por isso, a razão principal é que o negro

não era tratado como ser humano.

Assim, mesmo quando a crítica não se dirigia diretamente contra a figura do negro, ele, como elemento secundário da ação, era também um degenerado. Não só nas notícias afirmava-se o “vício” da embriaguez a que os negros estavam sujeitos, como também os últimos anúncios a partir da década de 1880 insistiam em descrever defeitos não só físicos como “morais.” (Chuwarcz, 2001, p. 247)

Com o passar do tempo, os anúncios de jornais vão representando o negro de modo ainda mais derogatórias, além de seus traços fonéticos, a imagem dele também era relacionada aos “vícios” a bebida, e falta de domínio próprio, a figura do negro como desprovido de civilização ia sendo constantemente reforçada nas páginas dos anúncios dos jornais.

Figura:2 Jornal do Commercio, 1830 a 1939- Rio de Janeiro.



Fonte: Hemeroteca Digital

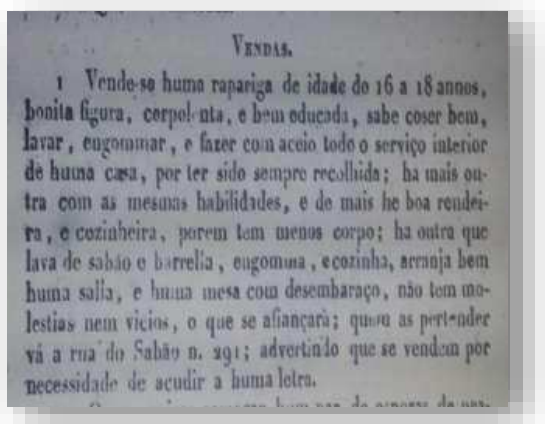
O objetivo dos periodicos era promover os escravizados postos à venda, e quanto mais detalhes impressos nos jornais, maior a probabilidade do comprador se interessar, ou de ser encontrado se esse fosse um cativo. Uma coisa importante a ser observado nos jornais também é o tom de voz que permite perceber, desde a suavidade, expondo com cautela, as características do escravizado, para convencer o comprador de que a sua mercadoria é um investimento, enquanto, em si tratando de fugas o senhor, assume o tom agressivo, e violento. Isso explica, a falta de respeito e até mesmo de valorização das pessoas brancas para pessoas negras, o tratamento o cuidado é inferior, porque o ser “negro”, vai terminar o tipo de tratamento que terá nos espaços sociais.

O jornal do Commercio, foi um importante veículo de comunicação do Rio de Janeiro no século XIX. No jornal acima, tem dois anúncios um de comprar e de um escravizado e o outro de uma Ama de Leite. Ambos têm algo em comum, enaltecer as características positivas dos negros. “Entre as mulheres, as amas de leite – as recém-perdidas – representaram um mercado lucrativo. Eram frequentes anúncios de amas de leite para amamentar os filhos da elite carioca .(Pires, 2022,p,181)

A procura por amas de leite era muito grande, a prova que quem criou o povo brasileiro foram as mulheres negras, desde a nutrição materna, até os primeiros passos, como era mais valorizado mulheres negras sem filhos, mostrar que essas mães eram separadas de seus filhos depois do nascimento. Fazendo um paralelo entre a história e a atualidade, quantas mulheres não deixam seus filhos em casa na maioria das vezes sozinhos para cuidar dos filhos da patroa que passa o dia fora de casa? no filme brasileiro, “Que horas ela volta? (2015) , interpretado pela atriz Regina Casé, a atriz dá vida a personagem Val, uma mulher batalhadora que trabalha como empregada doméstica em uma casa de família rica na grande São Paulo. além de trabalhar na casa, ela ainda é babá de Fabinho, filho da dona da casa, Val dorme em um quatinho dos fundos e não pode cuidar da própria filha, o enredo escancara a realidade de milhares de mulheres negras que são empregadas domésticas em no Brasil: “Os anúncios permitem apontar que, no ambiente urbano, as cativas mulheres eram em geral aplicadas aos ofícios «da porta adentro», ou seja, aos trabalhos domésticos.” (Pires, 2022,p,186).

A grande maioria das empregadas domésticas são mulheres negras o que reflete o passado da escravidão. Abaixo daremos destaque a outro jornal de grande circulação na época:

Figura3: Hemeroteca Digital, Imagem retirada, do jornal do Commercio, publicado entre (1830-1939) no Rio de Janeiro.



Fonte: Hemeroteca

No anúncio acima, trata-se da venda de duas mulheres, e uma delas, o anúncio identifica como uma “Rapariga”, o termo é pejorativo, usado para nomear mulheres negras escravizadas, mulheres livres eram chamadas de senhoras, para se diferenciar das negras. A objetificação do corpo da mulher negra para o trabalho doméstico é em muitos casos a prostituição, os jornais frisavam muito pela aparência, também por essa razão as mulheres eram abusadas pelos senhores e não havia nenhuma penalidade a estes, como ressalta Leonardo Barros, (2024, p.38).

A preferência por escravizadas mulatas, jovens e bonitas pode ser atribuída ao fato de muitos senhores explorarem o trabalho dessas mulheres e seus corpos. Em muitos casos, elas eram vítimas de violência ou coagidas à prostituição para gerar renda para seus senhores. Isso demonstra que os senhores exerciam controle sobre o trabalho das cativas e sobre seus corpos.

As características, como “bonita”, “corpolenta”; e “bem-educada”, e possuir habilidades em fazer atividades domésticas era utilizada nos jornais como *marketing*, de venda, e aqui chamamos a atenção para o adjetivo “Corpolenta”, que significa alguém de grande porte físico, por essa característica natural do corpo negro, principalmente o feminino, acabam realizando a hipersexualização do corpo da mulher preta. Tendo o seu corpo, objetificado pela sociedade brasileira, apenas para servir de instrumento para satisfazer desejos sexuais do homem branco, a partir desse pensamento, discriminatório que surgiu o ditado popular: “Branca pra casar-se, negra pra trabalhar e a mulata pra farnicar”. A mulher negra é vista como objeto descartável, indigna de ser escolhida para o relacionamento romântico e/ou para o casamento. Nesse ditado, cabe ainda uma análise do lugar social da mulher, que dependendo do seu fenótipo ela sofrerá mais ou menos preconceito, a mulher branca, é o ideal de beleza, definido pela sociedade da época e atual: delicadas e sensíveis, enquanto a mulher negra de pele retinta, somente para o trabalho pesado, é a bruta e desprovida de beleza, já a mulata (hoje identificada como parda), essa era destinada para o ato sexual, com homens que geralmente a associam a “boa de cama”.

De todas as formas, a mulher negra com ou menos melanina é violentada, discriminada. A autora Lelia Gonzales (1984) em sua obra “Racismo e sexismo na cultura brasileira,” vai falar sobre a maneira como a sociedade descreve a mulher negra sempre como sinônimo de sexualização, e no carnaval a objetificação do corpo negro fica ainda mais expressivo.

Todos sob o comando do ritmo das baterias e do reboado das mulatas que, dizem

alguns, não estão no mapa. “Olha aquele grupo do carro alegórico, ali. Que coxas, rapaz” “Veja aquela passista que vem vindo; que bunda, meu Deus! Olha como ela mexe a barriguinha. Vai ser gostosa assim lá em casa, tesão”. “Elas me deixam louco, bicho”. (Gonzalez, 1984.p,228)

Nesse trecho, Lelia Gonzales enfatiza, que os homens veem a mulher negra como um simples “pedaço de carne”, o que explica os altos índices de assédios sexuais, feminicídios etc. A questão é que não podemos entender o fato apresentado como normal, dizer que foi escolha ou falta de interesse para conquista algo melhor, nada mais é do que o reflexo do racismo estrutural que mantém mulheres negras ainda no lugar de submissão e sexualização de seus corpos.¹

O outro perfil relacionado à mulher negra nos jornais é a de doméstica, ou mucamba que carrega todo o trabalho nas costas, quantas mulheres negras conhecemos ocupando cargos de prestígio na sociedade, por outro lado, grande parte das diaristas são negras, e muitas não tem seu trabalho valorizado, o cenário mudou, mas a história é a mesma. Gonzales enfatiza:

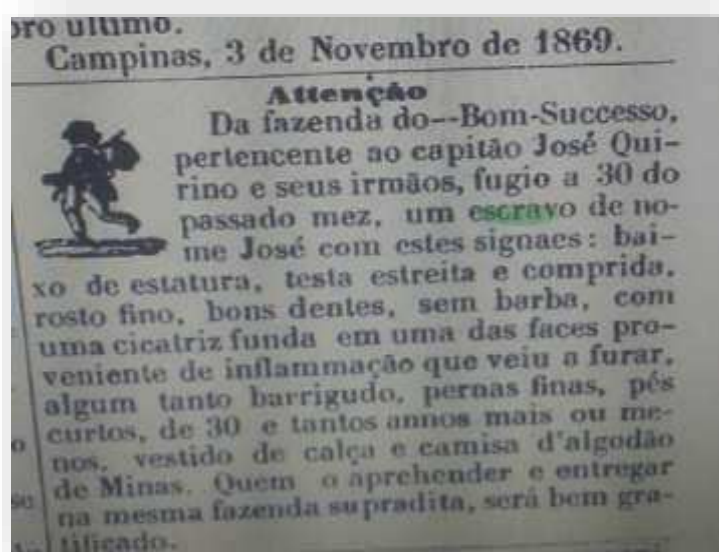
Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem-vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuível a “brancas” ou “clarinhas”). (Gonzalez, 1980,p.230),

Nos currículos exigem boa aparência, nos questionamos, o que seria uma boa aparência exigida por esses que elaboram um currículo de trabalho, imediatamente entende-se que boa aparência está vinculado ao ser “branco”, ou então a mulheres negra pardas. Em síntese, essa conotação sobre a beleza da mulher, é definida socialmente pelos seus traços, e no Brasil os traços negros não são entendidos como o ideal, basta lembrarmos que negros de pele clara, principalmente mulheres eram mais caras, é comprovado cientificamente que a cor da sua pele determina se o indivíduo sofrerá mais ou menos racismo.

Quando os anúncios são voltados ao corpo negro masculino, no período colonial, observa-se outra contação, mais voltada ao trabalho:

¹ A beleza da mulher negra é definida até hoje pelos traços e forma de seus corpos, se seu rosto se assemelhar com o rosto de mulheres brancas nariz fino, tendo a cintura de violão é considerada bonita ou então “gostosa”, frases como “dá cor do pecado” ressaltam esse estereótipo, dando a entender que só serve para o ato sexual. Essa prática reporta ao período escravocrata, em que a violação do corpo negro era comum, uma forma de dominação do branco sobre o negro. Estupros e todas as formas de maus tratos não chocavam a sociedade, porque era normal. As mulheres negras eram propriedades, já que a sociedade além de racista também era patriarcal, esses reflexos são visíveis atualmente, devido a herança histórica.

Figura 4: Anúncio de fuga de escravizado no jornal da Gazeta de Campinas, São Paulo. De 1869 e 1875.



Fonte: Hemeroteca

No anúncio acima é possível identificar a riqueza de detalhes atribuídas a um escravizado chamado José: “baixo de estatura, testa estreita e comprida, rosto fino, bons dentes, sem barba, com uma cicatriz funda em uma das faces proveniente de inflamação que veio a furar, algum tanto barrigudo, pernas finas, pés curtos, de 30 e tantos anos mais ou menos. Vestido de calça e camisa d’algodão de Minas.” (Gazeta de Campinas, 3 de novembro de 1869). Observe que “apelidos”, e “piadas”, são criados tendo como parâmetro características físicas para identificar o indivíduo, porém quando se trata das pessoas negras seus traços são inferiorizados, destacamos as seguintes características de José: “Testa estreita, e cumprida, algum tanto barrigudo”, esses nomes são pejorativos, e atualmente são usados em “tom de brincadeira”, entre as palavras estigmatizada sobre traços negros estão: Cara grande, Nariz de batata, cabelo de bombril, cabelo ruim etc.

Todo esse pensar estrutura o racismo recreativo que será dado destaque a partir dos próximos capítulos.

2.O RACISMO ESTRUTURAL ALIMENTANDO O RACISMO RECREATIVO.

Quando falamos da história dos povos negros automaticamente remete ao imaginário popular a imagem do negro escravizado sempre trabalhando, ou sendo castigado em um tronco, silenciado e explorado pelo colonizador branco. Porque é essa a imagem que crianças e adolescentes crescem vendo em um dos principais instrumento de formação, a escola, sendo o livro didático sua ferramenta propulsora.

De acordo com Cecília da Silva, (2011) o livro didático, funciona como representação social para os estudantes, no livro “A representação Social do negro no livro Didático: o que mudou? Por que mudou?”, ela fala sobre o impacto das representações estereotipadas presentes nos livros didáticos que impacta diretamente na maneira como os negros(as) se veem.

Quando o negro é representado à consciência de um indivíduo, os objetos que estão na sua consciência, tais como os estereótipos e preconceitos, podem modelá-lo de tal forma, que, mesmo na sua ausência, o conceito o coloca estigmatizado em papéis e funções, estereotipado negativamente e subordinado, e à sua visão concreta esse conceito é ativado, provocando a discriminação e a exclusão. (Silva, 2011,p,31)

A forma como o negro(a) é representado ns livros, contribui para a sua construção, não só educacional, como pessoal, e o jovem negro absorve a imagem negativa e tem como real, e não o questiona pois tudo que está no livro didático é conhecimento, é entendido como inquestionável. Portanto, para as juventudes, que cresceram tendo em vista essas representações tendem a ter uma autoestima baixa e várias outras consequências emocionais, isso no caso de negros, enquanto brancos podem também reproduzir, ao visualizar o negro dessa maneira, e parte daí as microgerações, que leva ao racismo seja velado ou explícito.

Em um trecho do Livro de Dijamila Ribeiro, (2018) “Quem tem medo do Feminismo Negro”, a autora relatou a experiência desconfortável vivenciada na escola quando era criança, referente ao livro didático:

Mas todo dia eu tinha que ouvir piadas envolvendo meu cabelo e cor da pele. Lembro que nas aulas de história sentia a orelha queimar com aquela narrativa que reduzia os negros a escravidão, como se não tivesse um passado na África, como se não houvesse existido resistência. Quando aparecia a figura de uma mulher escravizada na cartilha ou no livro, sabia que viriam comentários como “olha a mãe da Dijamila aí. (Ribeiro;2018. p.8).

Na fala de Dijamila, é possível observar, o “racismo recreativo”, no comentário do

colega “olha a mãe da Djamila aí” um comentário a princípio “sem maldade”, mas carregada de estereótipos racista, acontecimentos dessa natureza se repetem diariamente com várias pessoas negras, principalmente no chão da escola, e cenas como essas são corriqueiras nesse espaço e quando acontece geralmente não se tem nenhuma providência contra a violência, porque ocorre em um cenário de “brincadeira” entre crianças, e é tão sutil que aquele(a) que nunca sofreu o racismo e não vive, diz que a vítima está com frescura, porque para ele(a) é apenas uma “brincadeira”.

Quando questionada, a pessoa diz que não teve a intenção de machucar, enquanto isso, para a pessoa preta, o barulho estardalento, das risadas e o peso do ato destrói seu emocional, além da dor que vai se repetir é legitimado. Adilson Moreira (2019) ressalta que, o humor racista é crime, quando ele está relacionado a inferiorizar as características físicas de pessoas negras, e que na maioria das vezes não tem punição, porque: “Os autores sociais envolvidos afirmam que o conteúdo da mensagem entendida como ofensa não é nada mais que uma brincadeira, motivo pelo qual ela não poderia ser considerada um crime.” (Moreira, p,85).

Por essa razão, o racismo continua sendo legitimado, crianças e adolescentes crescem ouvindo barbaridades acerca de seus cabelos, seus traços e ninguém faz nada, o racismo está também mascarado que só quem percebe é quem sofre, e por ser simbólico, nem mesmo a vítima percebe.

Há na realidade uma força na estrutura racista que precisa continuar se alimentando dos privilégios de uma massa racista e violenta do país, e que se considera cordial, essa imagem esconde toda a violência que comete sobre grupos socialmente discriminados. A elite brasileira, fecha os olhos para o racismo, porque é esse sistema que mantém o antagonismo, a elite a sustenta. Pois, a sociedade racista mantém. É sabido que foi por causa da herança escravocrata que o racismo surgiu, por esse sistema opressor que é reproduzido através das instituições sociais, como afirma Almeida, (2019), o racismo continua entranhado no dia a dia das pessoas que formam as instituições, e que se apresenta de maneira implícita. E existe um esforço de manutenção do racismo por meio das microagressões, vestidas de humor, o famoso humor racista, presente nas instituições: “Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou microagressões, piadas, silenciamento etc.” (Almeida,2019, p.32).

Tanto na escola, quanto no trabalho, o racismo está presente. Quando ligamos a TV nos programas de entretenimento, lá está o(a) negro(a), sendo representado como

ridicularização, ou nas novelas ocupando papéis de servidão ao branco, a célebre imagem da empregada doméstica e o criminoso fugitivo da polícia. A violência contra o negro, hoje não precisa ocorrer de maneira explícita ou violenta, pode se ideológica, conforme Foucault, (1997).

O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto, ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e, no entanto, continuar a ser de ordem física. (Foucault, 1997. p, 29)

Dessa forma, o racismo vai passando despercebido e se fortalecendo, uma vez que a maior parte das pessoas que ocupam uma posição social de prestígio na sociedade são brancas, porque foi assim que a sociedade brasileira foi historicamente construída, o negro para o trabalho pesado e o branco como elitizado para se deleitar no ócio. É por isso, que trabalhos que são manuais, são estigmatizados, e atribuídos aos negros pois no início eram vistos como a consequência do pecado, e esse, para alcançar a salvação precisava se libertar trabalhando pesado.

A capacidade intelectual do negro foi colocada em xeque, na estrutura organizacional brasileira, o gabinete não foi pensado para o negro, nem tão pouco os consultórios médicos o que é contraditório porque os principais conhecimentos foram trazidos pelos africanos, tanto matemáticos e medicinais. Mas a sociedade insiste em dizer que o lugar do negro é na cozinha, no portão da casa do branco protegendo sua residência. E ainda que ele(a) cresça economicamente o status vai ser sempre de inferioridade. Observe, que hoje em dia os trabalhos manuais ainda são exercidos em sua maioria por negros. “De fato, negros e negras são considerados o conjunto da população brasileira, apresentam menor índice de escolaridade e, sim, o sistema político e econômico privilegia pessoas consideradas brancas. (Almeida; 2019).

De acordo com IBGE, o negro representa 55,4% da população brasileira, (IBGE,2022), mesmo sendo composta a maior parte por negros, esses ainda estão nas camadas mais baixas, da sociedade. E o racismo estrutural é a causa da desigualdade, pois o negro é quem tem menos acesso à educação, a saúde e ao mercado de trabalho formal. Silvio Almeida afirma que apesar das teorias racistas de eugenia do século XIX, não sejam mais aceitas, o cenário de desigualdade racial permanece nas camadas que sustentam a sociedade.

Mesmo hoje, quando as teorias racistas estão desmoralizadas nos meios

acadêmicos e nos circuitos intelectuais que as gestaram, na cultura popular ainda é possível ouvir sobre a inaptidão do negro sobre certas tarefas que exigem preparo intelectual, senso de estratégia e a autoconfiança como professor, médico, advogado, Goleiro técnico de futebol ou administrador. (Almeida, 2019, p.40).

Teorias Racistas, e eugenistas, sustentadas pela ciência, teve forte influência na representação negativa do negro. Mesmo depois da abolição da escravidão em 1888, ainda existe os resquícios dela na estrutura da sociedade brasileira, que é racista, desde a sua criação e mantém os mecanismos estruturais para inviabilizar o negro, de acordo com Almeida (2019).

Em uma sociedade que se apresenta como globalizada, multicultural e construída de mercados livres “o racismo já não ousa se apresentar sem desfares “é desse modo que o racismo passa da destruição das culturas e dos corpos com ela identificados, para a domesticação de culturas de corpos. (Almeida, 2019,p,46).

Como não conseguiram extinguir as culturas do povo negro, decidiram desqualificá-los de outras maneiras. Como já foi dito anteriormente, que a abolição da escravidão não significou liberdade e igualdade de direitos para a população negra, a sociedade continuou criando estratégias de excluir e violentar as pessoas negras, tirar as oportunidades e o direito de viver em liberdade. No século XIX foi criada, “A lei da vadiagem” uma política que proibia os negros de se reunirem com seus iguais, nas praças da cidade cantando suas músicas ou para a prática da capoeira. A polícia era acionada, porque um negro na rua que não estivesse trabalhando era considerado “vagabundo”. Essa estrutura foi tão forte, que até hoje, se um negro entra em um supermercado ele é perseguido pelo guarda, porque pode ser ladrão, se andar na rua a qualquer hora do dia, ou pode ser morto por uma bala “perdida”, ou facilmente levado pela polícia porque só pode ser um bandido, características do bandido: “negro”.

2.1 As formas do racismo recreativo.

Dentro das Ciências Sociais, o humor cuja intenção é causar o riso, pode ser definido como uma “ação social” involuntário ou não, e estabelece conexões entre as pessoas , ele pode ser causado por vários fatores , seja, para expressar felicidade, bem está, como também pode esconder ou desfaçar o incômodo interno da consciência de quem quer fazer os outros rirem por meio de um outro diferente dele, gerando intimidação e humilhação, é nessa perspectiva que o humor racista encontra combustível para manter grupos minoritários em situação de inferioridade. Segundo Moreira (2019).

Desde o início, os autores que a desenvolveram afirmaram que o humor envolve algum grau de malícia, pois sempre rimos de piadas que retratam situações ridículas nas quais certas classes de pessoas estão envolvidas. A comédia seria então uma representação de sujeitos que consideramos inferiores; ela enfatiza esse aspecto de modo a despertar prazer nas pessoas. O prazer decorre do fato de que a piada hostil permite afirmar a noção de que o indivíduo tem valor maior do que um membro de outro grupo, pessoa que é julgada a partir de estereótipos negativos ou a partir dos infortúnios pelos quais ela passa. (Moreira, 2019. p,50).

O Brasil, é conhecido como o país do povo acolhedor e cordial, bem-humorado que “faz do limão uma limonada”, é criativo. Sendo assim ele também cria maneiras de perpetuar o racismo alicerçado no mito da democracia racial, mas parando para analisar de onde veio essas características? Quem as denominaram? Desde então, foi naturalizado por ser um país multicultural, miscigenado, foi ensinado que no Brasil não existe racismo e que é um mito, porque no “imaginário brasileiro somos todos iguais,” porém, existe uma cultura racista que se alimenta desse pensamento e encontra sustentação para reproduzir praticar racistas, por meio de piadas e até a forma concreta do racismo. Segundo Ferreira, (2002), o racismo à brasileira, é uma característica do país, ele ocorre silenciosamente nas relações, justamente pelo fato da crença no mito das três raças, sendo assim a propagação se dá como erva daninha, em uma terra que adubado pelo racismo a semente do ódio e inferiorização do outro, cresce e se multiplica.

Temos aqui o fértil terreno para a constituição do racismo silencioso, o peculiar racismo à brasileira - uma visão negativa do afrodescendente e um discurso contrário que tenta negá-la. Assim, está constituído o espinhoso terreno no qual é gestada a identidade do brasileiro afrodescendente. (Ferreira, 2002.p,75).

Em síntese, o ato de fazer rir, através da ridicularização da imagem da pessoa negra, gera consequências na formação da identidade positiva do indivíduo, que já foi marginalizado desde a chegada a essa terra, e ainda hoje pelo racismo: “O humor contemporâneo, especialmente no século XX, é conhecido por sua tendência à ambiguidade: uma piada pode ser apreciada por alguns e ofender outros.” (Lima, 2024.p ,20). Não há diversão em uma piada construída em cima da tristeza do outro, se causa incômodo e dor, não é brincadeira, é racismo mesmo, não importa de quem venha se é de um amigo ou familiar.

2.2 O racismo recreativo vinculado nas mídias televisivas.

As redes sociais, a televisão e outros meios de comunicação, são importantes

instrumentos de propagação de ideias, que possuem um grande potencial de alcance, e também de influência e alienação dos indivíduos. De acordo com Adilson Moreira, (2019, p.66) “Os meios de comunicação são portanto, um meio pelo qual se cria um campo Representacional no qual grupos lutam pelo controle dos significados das imagens de seus membros”. Diante disso, os meios de comunicação pode ser o espelho ou o reflexo de todos os que consomem suas produções, a internet hoje é o maior campo de representações sociais, na atualidade, depois da televisão.

Nesse viés, entende-se que os estereótipos relacionados a pessoa negra dificultam a autoaceitação, a etnia ou identidade negra, até porque a ideia de nacionalidade criada pelo europeu, não tinha nem o negro. Segundo Moreira (2019), “A negritude aparece associada como a expressão de feitura perigosidade e ausência de caráter.” É possível salientar, a permanência dos estigmas criados pelos europeus até hoje, manifestas pelo racismo recreativo.

O que estamos chamando de racismo recreativo não pode ser visto como comportamento individual porque está presente em diversas formações culturais, notoriamente nos meios de comunicação embora essas manifestações sejam apresentadas como humor, elas são manifestações de estereótipos que reproduzem e conteúdos racistas sobre grupos minoritários. (Moreira, 2019.p.67)

O racismo recreativo, é também uma microagressão que ocorre de maneira quase imperceptível, mas está presente nos meios de comunicação, e para falar nesse assunto, o melhor exemplo que também foi trabalhado por Moreira, é “O Zorra Total,” uma série de comédia exibida pela tv globo que passava nas noites de sábado, como o nome da série já indica, o objetivo é fazer rir, causar “humor”, mas a questão é que de maneira romantizada essa série incentiva o racismo recreativo, quando colocava pessoas negras sendo representados de maneira estereotipada. Entre os personagens, a mais destorcida, pela série é “Adelaide”, também conhecida como “cara da riqueza” uma mulher negra e pobre que vive pedindo esmolas em um ônibus. A análise é simples: o objetivo foi colocar o negro em situação de ridicularização, além de escancorar a desigualdade social e exclusão desse grupo. Vieira afirma que esse é um mecanismo de poder, para continuar inferiorizando o negro: “O manejo dos estigmas não é apenas uma questão pessoal ou psicológica, mas uma operação socialmente estruturada, profundamente relacionada com os mecanismos de poder, exclusão e reconhecimento” (Vieira, 2025.p,186).

Observe que a imagem da personagem Adelaide, não condiz com o real, o cabelo bagunçado, o nariz grande e achatado, por causa desse tipo de representação da imagem do negro que muitas de nós, não nos vemos possuidoras de beleza, e os danos dessa violência

impacta na vida pessoal e pública do indivíduo.

Figura1: Adelaide



Fonte: Redação pragmática

A construção da identidade visual da personagem evidencia uma intencionalidade discursiva que reflete o racismo estrutural da sociedade brasileira. Ao retratar a mulher negra por meio de traços fenotípicos específicos, mas profundamente estereotipados, a produção perpetua estigmas históricos. Historicamente, a alteridade negra foi construída pelo olhar hegemônico branco sob a égide da negatividade e da marginalização. Ao alinhar a personagem ao imaginário colonial para fins de entretenimento, os meios de comunicação de massa, em especial a televisão brasileira — naturalizam hierarquias raciais. Esse processo induz o público a associar a população negra à vulnerabilidade socioeconômica e à subalternidade, enquanto preserva a branquitude como o referencial de privilégio e ideal social, atuando de forma ativa na manutenção das opressões raciais.

O que se vê é um humor rasteiro, legitimado de discursos e práticas opressores, que tenta se esconder por trás do riso. Sendo a sociedade racista, o humor será mais um espaço onde esses discursos são reproduzidos. Não há nada de neutro---ao contrário, há uma posição ideológica muito evidente de se continuar perpetuando as opressões. (Ribeiro,2018. p.29).

O racismo na forma de “humor”, é o mais cruel mecanismo de opressão, exatamente porque é inacreditável que a tragédia dos mais de 300 anos de escravidão da população negra é entendida por muitos indivíduos hoje como instrumento de diversão, é minimizar a dor daqueles que sofreram sendo inocentes, e mantem os remanescentes ainda no lugar de subalternidade, e desumanização, só que de forma menos evidente por aqueles que não tem um senso crítico ou que faz por entendimento porque é cômodo.

2.3 Impactos do racismo recreativo na construção da identidade étnica das juventudes.

No mundo globalizado em que vivemos, a identidade que o indivíduo carrega, em sua trajetória conta a história sobre ele, seu lugar no espaço e seu papel na sociedade, as juventudes se encontram nesse cenário. É importante saber que a identidade não nasce com o indivíduo, mas é construída ao longo do tempo (Hall;2014), e está relacionada a vários marcadores sociais que influencia diretamente na subjetividade das juventudes, tais como: Raça, gênero, sexualidade, classe, entre outros que na maioria das vezes não são discutidos nos espaços de poder, porque geram tabus, desconforto e/ou confrontos.

Por conseguinte, a identidade é realmente uma construção que leva em consideração as interações dos indivíduos, do inconsciente, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está “em processo”, “sempre sendo formada”.

A juventude como uma categoria sociológica, não se resume ao tempo de existência de vida de uma pessoa, mas está relacionada a fatores como classe social, e a cultura também. Assim como a identidade ela é uma construção social, que tem significados distintos dependendo da cultura de cada lugar ou época, como afirma Antônio Gruppo, (2017.p,14) “A juventude é uma categoria histórica, enfim, porque é sujeita a transformações e metamorfoses, a ponto de poder desaparecer quando dada sociedade se configura como na passagem das sociedades antigas às medievais, no mundo europeu.”

Desse modo, a juventude é construída a partir das questões socioculturais, e também históricas, vale ressaltar que fatores biológicos como a puberdade, influência nas mudanças não só físicas mas psicológicas do indivíduo, no entanto, ela sozinha não define a juventude, as mudanças na vida das juventudes não se dão de forma linear, existem marcadores sociais, como a raça, situação socioeconômicas, e outros fatores que impacta na construção do(a) jovem, na formação da sua identidade como indivíduo único, e também plural.

Portanto, é preciso compreender, que formação das juventudes negras é totalmente diferente da formação das juventudes não negras, devido ao processo histórico de construção. Assim, é correto afirmar que essa fase é carregada de grandes descobertas e desafios, na vida de um(a) jovem, sendo um período cheio de dúvidas e medos, suas emoções são intensas, momentos das descobertas etc. Ele(a) ainda não sabe quem é, mas está moldando sua identidade nas interações com o meio social em que está inserido, no caso, as

instituições sociais, como família, escola, igreja e outras. A identidade não se trata de algo isolado, mais de um combo completo que forma o indivíduo. “Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa só acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento.” (Hall; 2014. p,24), Devemos falar de identificação, com quem nossos jovens estão se identificando? Se as juventudes não têm referências positivas para se espelhar, ele pode entrar em conflitos internos.

Por isso, muitas vezes o(a) jovem se sente perdido, ele procura referências em seus semelhantes para se encontrar dentro de um caminho, vai olhar para seus traços, seus cabelos, sua história e se reconhecer nas relações interpessoais. Mas quando os jovens olham para os seus iguais, da maneira com a qual a sociedade o representa, estereotipada, sempre como ruim, ele(a) tende a querer se distanciar de suas raízes e começa um processo de negação de sua identidade, se isolar ou criar dentro de si o sentimento de revolta. No caso de jovens negros, a rejeição de sua negritude, vai gerar dor e sentimentos de isolamento, inferioridade e tantas outras fatalidades. O jovem pode acreditar que se autodeclarar negro, significa tomar posse de uma herança de vergonha, e carregar todas as mazelas que o branco diz que acompanham o negro, por isso, existe a resistência na autoaceitação de sua negritude, isso é um processo social, que não acontece do dia para a noite. Para Silva:

A construção e a reconstrução de uma identidade negra são feitas num processo de avanços e recuos, de seguranças e incertezas, uma vez que dificultam a assunção da identidade negra: o ideal branco de ego; a retroalimentação dos preconceitos através de mecanismos expandidos pelas agências de socialização, como a mídia e a educação formal; a mestiçagem ideológica e cultural; a ausência de sentido comum de identidade étnica e a exclusão econômica. (Silva, 2001.p,24)

Por conseguinte, reconstruir uma identidade positiva do sujeito negro, que carrega no imaginário social o estigma negativo, naturalizado pelos grupos negros, é um verdadeiro desafio, porém muitos teóricos negros buscaram, e continuam lutando para que haja a descotização não somente dos corpos das pessoas negras, mas da mente, a transformação, o resgate do que foi roubado, é nesse cenário que Kabengele Munanga(2005), dedicou seus estudos, na contribuição da desnaturalização, dos estigmas racistas criados por ideais eurocêntricos. Para Munanga.

Durante gerações, a sociedade branca tem produzido uma imagem depreciativa à qual alguns deles não tiveram força para resistir, pois a introjetaram e criaram uma autodepreciação que hoje se tornou uma das armas mais eficazes de sua própria opressão. (Munanga, 2005. p,5).

Da mesma forma Vieira (2025, p.184) afirma que a sociedade procura estratégias para classificar as pessoas baseada em seus padrões impostos como corretos. E atribui características de distinção, logo o negro foi estereotipado e no processo da escravidão houve a coisificação, tratando-o como objeto e a identidade de muitos foi tirada, logo a imagem foi estigmatizada gerando segregação. Vieira ainda acrescenta:

A sociedade tende a buscar meios para categorizar as pessoas e o faz mediante atributos, tomando como paradigma aqueles atributos considerados como comuns ou naturais aos integrantes daquele grupo. Esses atributos são, portanto, categorias de diferenciação que servem para aproximar ou rechaçar determinados indivíduos. (Vieira; 2025, p184)

A identidade Negra é construída na interação com o outro, nas conversas, trocas do cotidiano, e convívio muito. Jovens negros tendem a terem a autoestima baixa, e não é por acaso, eles aprenderam desde cedo que tinham algo de errado com eles, que não era bonito, e a odiarem seus traços fenóticos. A falta de representatividade nas mídias sociais também contribuiu para dificultar a ruptura do sistema excludente da sociedade brasileira.

As meninas, são midiaticamente conduzidas à ditadura do cabelo liso, se submetem a procedimentos dolorosos com o cabelo, ao contrário dos meninos que são orientados a cortar baixinho. De acordo com o padrão eurocêntrico, usar o cabelo crespo é sinônimo de pouco cuidado, ou falta de higiene. Isso causou consequências graves na vida das pessoas negras, que internalizaram os estigmas atribuídos a elas como verdades absolutas, a maneira como a imagem do negro foi criada impacta na forma como as juventudes vão se conhecendo.

A identidade de um sujeito passa pelo processo de reflexão, representações e imagens, afinal é como ele é representado no cenário social que promove sua percepção no mundo, a forma pela qual o sujeito se enxerga é que define sua atuação e autoestima nas relações socioculturais. (Damascena; Miranda.2018, p.152).

É possível observar que parte das piadas, tem o objetivo de inferiorizar ou ridicularizar as características físicas do negro, a exemplo trazemos uma música lançada na década de 1980, do cantor Luís Caldas chamada “negra do cabelo duro”². Por muito tempo as pessoas cantarolavam e faziam brincadeiras com as mulheres negras por causa da letra dessa música. As juventudes em seu processo de reconhecimento pessoal, tende a procurar validação e reconhecimento dos outros, isso é próprio do ser humano, e como pertencente de uma sociedade extremamente racista, como o Brasil que valoriza tudo que é europeu, o

jovem procura se encaixar em um padrão na tentativa cruel de pertencer a um espaço que desde a invenção do país não foi feito para ele, através da política de branqueamento racial. Nesse contexto, Vieira (2025) ressalta que “O manejo dos estigmas não é apenas uma questão pessoal ou psicológica, mas uma operação socialmente estruturada, profundamente relacionada com os mecanismos de poder, exclusão e reconhecimento” (Vieira, 2025.p,186).

Para combater essa estrutura racista, os movimentos sociais, em especial o movimento negro entra em combate. Tendo se estruturado no final dos anos 1980, o movimento negro vem com o objetivo de combater o racismo e o estado de marginalização que as pessoas negras foram submetidas, buscando a ressignificação do “ser negro”, e a luta para que de fato haja a reparação histórica dos danos causados a essa população.

Para Panta et al (2017), no que se referem aos movimentos negros contemporâneos, estes buscam construir uma “identidade negra” a partir das particularidades desse grupo social.” (Panta; Pllissar. 2017p,125), desde então, o movimento negro já conquistou muitas vitórias para a povo negro como: O reconhecimento do racismo como crime; implementação de cotas no ensino superior e tantas outras conquistas. No imaginário social, todas essas conquistas foram dadas, mas, são frutos da militância do movimento negro, como ressalta Silva:

O processo de construção ou reconstrução da identidade negra, evidencia também a contribuição do Movimento Negro, porque para identificar, tornar explícita e aceitar a sua origem negra, o indivíduo desconstruiu na sua consciência todos os estereótipos negativos, preconceitos, imagens e juízos presentes na representação do negro de um processo de comparação entre o real e a representação, possibilitados, em grande parte pela práxis do Movimento Negro, nos diversos lócus onde expande a sua ação.(Silva,2001.p,94)

O movimento negro, contribuiu, e permanece contribuindo para o resgate, das raízes da verdadeira identidade do povo negro, e para as juventudes isso representa a recuperação da autoestima, a quebrar as mentiras ditas sobre seus corpos e capacidade intelectual durante todos esses anos.

2.4 O chão da escola como espaço de manutenção e desconstrução de práticas racistas.

A escola, é a segunda instituição social que um indivíduo conhece e passa a maior parte do seu tempo, depois da sua família, um lugar novo com pessoas distintas. É um espaço heterogêneo no qual o respeito às diferenças precisa ser indispensável. Porque é lá que estão

reunidos estudantes de diferentes classes sociais, situação econômica, gostos e princípios, ela tem o poder social tanto de conservar violências estruturais, como a desnaturalização delas. Diante disso, para Damascena e Miranda (2018), a escola tem o poder simbólico de transmitir valores.

Um dos espaços mais utilizados para transmissão de valores tem sido a escola, sendo também nos tempos atuais uma das territorialidades de força maior para intensificar o ideal de diversidade e pluralidade, tratando o diferente como diverso e não como inferior, ou seja, uma educação antirracista e plural. É a formação promovida pela educação que refletem na sociedade seu posicionamento mediante as questões sociais, e se o sentimento de inferioridade étnica, que há muito tempo tem sido alimentado não for protestado e desconstruído o processo de construção positiva da identidade negra estará sempre comprometido. (Damascena; Miranda, 2018, p.150)

Diferente do que se acreditava há um tempo atrás, a escola muitas das vezes, dependendo de quem a conduz, produz práticas igualitárias, mas muitas das vezes reforça as ideias da elite dominante. Pensada historicamente para instruir as elites na dominação das classes populares, esse espaço precisa refletir sobre seu papel na construção de pessoas munidas de valores e relatividades, quando não há esse exercício, corre o risco de naturalizar violências. Durante muito tempo a educação foi privilégio do filho do rico, conforme aborda Maria Alice Nogueira e Afrânio, (2007), a escola continua sendo excludente e faz separações entre os alunos.

Hoje em dia opera, de modo bem menos simples, através de uma segregação interna ao sistema educacional que opera os educandos segundo o itinerário escolar, o tipo de estudos, o estabelecimento de ensino, a sala de aula, as opções curriculares. Exclusão “branda”. “Continua”, insensível, “despercebidas.” A escola segue, pois, excluindo, mas hoje ela o faz de modo mais dissimulado, conservando em seu interior os excluídos, postergando sua eliminação, e reservando a eles os setores escolares mais desvalorizados. (Afrânio; Catane, 2007. p.13).

Diante disso, a escola que faz distinção entre alunos, seja por quaisquer que sejam as razões, ela vai naturalizar violência e minimizar atos e práticas racistas., ainda mais se tratando das disfarçadas de “brincadeira”. A escola tem importância fundamental na construção da identidade dos estudantes, e das juventudes negra e não negra como ressalta Damascena e Miranda (2018).

Encontramos na formação identitária da população brasileira os impactos do poder simbólico naturalizado, principalmente no campo estético, sendo muito comum no espaço escolar que é o campo de grande influência ideológica as reproduções do discurso de que (Cabelo crespo é ruim- O negro é burro- Negro é

sinal de sujeira-Traços de negro são traços de macaco-Negro tem talento para ladrão- Ser branco é ser bom- Cabelo bom é Cabelo liso- Eu sou negro de alma branca). (Damascena;Miranda, 2018,p151).

Frases desse tipo tem o poder de destruir e fragilizar a autoestima dos jovens, na maioria das vezes os indivíduos que reproduzem esses discursos, não refletem sobre suas consequências, e nem procuram saber de onde vem essas falas, na escola o estereótipo do cabelo bom e do ruim é o mais comum. Segundo Munanga (2005.p,6), os educadores, devem buscar combater as disparidades no contexto educacional, trabalhando todas as identidades culturais do povo brasileiro, exaltando principalmente aquelas que foram subalternizadas³.

Ter um currículo que abarque a diversidade das distintas juventudes, é fundamental para uma educação antirracista efetiva, e equitativa. Os educadores, precisam incluir nas suas práticas educacionais questionamentos críticos que provoque os estudantes a questionarem criticamente as desigualdades sociais que ocorrem com grupos minoritários, essa é uma das práticas que precisa ocorrer no chão da escola evitando apelidos, piadas e muitas outras agressões de cunho racista. Munanga afirma:

O racismo é tão profundamente radicado no tecido social e na cultura de nossa sociedade que todo repensar da cidadania precisa incorporar os desafios sistemáticos à prática do racismo. Neste sentido, a discussão sobre os direitos sociais ou coletivos no sistema legal e por extensão no sistema escolar é importantíssima. (Munanga, 2005.p,8).

O racismo tem o caráter estrutural, portanto está presente em todas as ramificações da sociedade brasileira, seja familiar, educacional, entre outras, refletir sobre as disparidades sociais entre as distintas classes sociais, nas escolas é necessário. As juventudes precisam entender de onde nasceu os estigmas, e que devem também se posicionar politicamente contra o racismo, principalmente as práticas não explícitas.

Os educadores devem buscar dispositivos para combater os estigmas inferiorizados negativados da população negra, desnaturalizando o racismo presente no espaço escolar, atuar criticamente produzindo caminhos possíveis para uma construção positiva da identidade negra e valorização dos seus sujeitos. (Damascena;Miranda, 2018,p,153).

Assim, é imprescindível que a escola de modo em geral e não só o professor, busquem mecanismos para o combate efetivo das violências simbólicas, na prática e não somente no dia 20 de novembro, pois as violências acontecem todos os dias.

3.OS CAMINHOS PERCORRIDOS

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e os procedimentos de coleta utilizados foram bibliográficos e de campo. Para chegar ao objeto de estudo realizou-se uma longa caminhada, trilhando uma vasta estrada. Escolha do método é “A abordagem qualitativa propõe-se, então, a elucidar e conhecer os complexos processos de constituição da subjetividade, diferentemente dos pressupostos “quantitativos” de predição, descrição e controle.” (Holanda, 2006.p,364), O primeiro passo foi o mapeamento e aprofundamento literário do meu objeto de estudo. Teóricos como Silvio Almeida (2019), Adilson Moreira, (2019); Dijamila Ribeiro (2019) Grada Kilomba (2018), Nilma Lino Gomes, (2021) e (Munanga (2005) Lilia Schwarcz (2011); Cecília da Silva (2011) Lelia Gonzales (1984) compoem esse estudo, outros de extrema importância compuseram leituras para a compreensão do fenômeno “Racismo Recreativo”. Foi preciso ainda a pesquisa de campo, pois essa permite que o pesquisador observe de perto e esteja inserido dentro do campo, e mais perto do seu objeto de estudos e dos interlocutores. Caldeira (2023) enfatiza:

O que imagino que pode consistir na especificidade e na originalidade do método de pesquisa de campo em ciências sociais é exatamente o fato de o pesquisador utilizar a si mesmo como um instrumento de pesquisa e uma fonte de observação. É o considerar, por exemplo, as situações que ele pode provocar e as emoções e sensações que sente como sendo importantes fontes de informação. (Caldeira, 2023, p.12)

Nesse processo, o objetivo do estudo é compreender o que os jovens entendem por racismo recreativo, a partir daí buscou-se definir os interlocutores da pesquisa: são jovens, meninos e meninas, a maioria negros (as), do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, na faixa etária dos 15 a 20 anos de idade. Foram entrevistados 10 alunos, a pesquisa ocorreu no Centro de Ensino Gonçalves Dias, localizada em Caxias-MA, é uma escola localizada no centro da cidade.

A coleta de dados se deu mediante observações não participante, permitindo que o pesquisador entre no ambiente sem revelar qual é o seu objetivo ou mesmo sua identidade verdadeira tentando tornar-se um dos membros rotineiros do grupo mantendo-se como um observador disfarçado. Seu interesse científico é completamente desconhecido do grupo.” (Marietto, 2018.p,10), A técnica foi escolhida de forma estratégica, para que a pesquisa tivesse êxito, uma vez que os estudantes não se sentissem julgados, ou criticados.

Foi elaborado um roteiro de entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas, por ser a técnica mais indicada para a pesquisa, a que tem o objetivo coletar informações do entrevistado por meio de um roteiro devidamente planejado de acordo com a problemática

da pesquisa. As entrevistas foram previamente agendadas com os alunos após apresentarem o termo livre esclarecido devidamente assinado pelos pais ou responsáveis, dos adolescentes menores de 18 anos de idade. As entrevistas aconteceram nos dias 01 e 03 de Junho de 2026, de maneira individual com cada aluno, na biblioteca da escola. Esse espaço foi organizado com uma mesa composta com livros e um lanche para recepcioná-los, o intuito foi proporcionar um ambiente acolhedor e quebrar o gelo garantindo que os entrevistados se sentissem confortáveis e seguros para responder as 10 questões da pesquisa. Entre as dificuldades encontradas, a maior foi manter a imparcialidade que a pesquisa científica exige, diante de um fato social tão complexo como o racismo, que atravessa horizontal e verticalmente o pesquisador.

4. “É BRINCADEIRA OU RACISMO RECREATIVO JOVEM?”

A pesquisa é qualitativa, por meio da técnica de observação não participante, foram observados nuances, falas, e atitudes do fenômeno “racismo recreativo” que na verdade é só a ponta do *iceberg*, os episódios ocorreram em 3 lugares específicos da escola: Sala de aula, Interações do recreio;(corredores/outros), e na secretaria.

A) Na sala de aula:

Em uma aula de aprofundamento de História, ministrada pela professora Liliana ⁴ ela fez a exibição do filme “Curral”, dramaturgia brasileira que retrata o sistema de corrupção, lavagem de dinheiro e o voto de cabresto. Me acomodei no fundo da sala, quando uma cena específica passou na televisão, de um homem negro e uma mulher branca que eram namorados, um grupo de meninos logo começaram a rir baixinho e um disse: “um negão de estimação desses”, tal comentário retrata o período da escravidão, quando negros eram vistos como propriedade do senhor branco, “domesticado”, como também explorado. “Negão”, é um adjetivo usado para dizer que o negro por natureza é forte,e, portanto, não sofre e tem que suportar qualquer tipo de peso. É uma frase racista, mas para os alunos foi motivo de risos.

Essa turma foi a que mais observei microagressões , diante disso, a professora Liliana, solicitou que eu fosse realizado uma apresentação para os alunos dessa turma sobre o racismo recreativo, organizei o material e fiz a apresentação que também funcionou como um mini letramento da pauta nos dois horários de aula dela.

O comportamento dos alunos me chamou a atenção, quando os questionei se já tinham ouvido falar sobre a temática, ninguém conhecia, expliquei que são práticas de racismo que se manifesta em forma de humor e piadas. Nesse momento eles começaram a rir, e apontar para um colega, perguntei qual era a razão da graça e um garoto, me afrontou e disse: “nada, por acaso não pode sorrir mais?”, minha resposta foi explicativa, disse que se tratava de algo muito sério, e não havia razão para sorrir. A Turma ficou em silêncio e continuei a apresentação, vale ressaltar que essa apresentação aconteceu quando já tinha concluído o período de observações, quando fiz o convite para eles participarem da minha pesquisa só um aluno quis participar, inclusive, aquele que mais sofre racismo recreativo pelos colegas.

B) Na secretaria da escola:

Outra situação presenciada foi a seguinte: “Uma aluna, do primeiro ano, havia sido retirada da sala de aula pelo mau comportamento, e foi direcionada para a secretaria, chegando na sala eu perguntei o que tinha acontecido, e a aluna, respondeu, sorrindo: “Aquela professora do cabelo ruim, me colocou para fora da sala”, tal comportamento reflete, o racismo presente na fala da estudante, quando estigmatiza o cabelo crespo da professora. O gráfico a seguir mostra os lugares onde mais houve práticas de racismo recreativo.

Figura 1: Espaços específicos



Fonte: Autoria Própria

O gráfico representa o espaço escolar e os locais estratégicos de observações que mais foram observados fenômenos do racismo recreativo, causa um certo estranhamento perceber que a sala de aula, se destaca como sendo o espaço que mais ocorreram práticas de racismo pelas Juventudes. De acordo com Oliveira, (2022):

Esses episódios de racismo recreativo ocorrem em sala de aula, na sala dos professores, na hora do intervalo, na fila da merenda, nas partidas de futsal, nas conversas desinteressadas. É só preciso um olhar mais atento para ouvir a reprodução de todo esse racismo por meio das brincadeiras que colocam a população negra em lugares de subalternidade, criando estereótipos que vão desde o lugar social de escravo/empregado até uma hipersexualização dos corpos de negros e negras. (Oliveira, 2022. p,15).

O espaço escolar é o reflexo da sociedade, portanto se ela é “racista”, é notório que

as juventudes naturalizem violências raciais, seja elas explícitas ou implícitas lidas como brincadeiras pelas juventudes brincadeira.

2.5 O olhar das juventudes: “Quando a brincadeira esconde o racismo”

As escutas por meio de entrevistas semiestruturadas, ocorreram com 10 estudantes, no período de 01 a 03 de junho de 2026, vale frisar que houve uma conversa antes das entrevistas sobre a pesquisa, no qual tiveram conhecimento do objeto de estudo, dos objetivos e da importância dela, e devidamente agendadas com os interessados, e que os estudantes teriam total autonomia para participar ou não da pesquisa. Aqueles que aceitaram e eram menos de 18 anos, também receberam o termo de Consentimento livre esclarecido, só realizaram a pesquisa quando apresentaram o documento devidamente assinado pelos seus pais ou responsável legal.

A entrevista ocorreu de maneira individual no espaço da biblioteca da própria instituição. O quadro abaixo apresenta dados importantes para a pesquisa, lembrando que para a preservação da identidade das juventudes, foram lhes atribuídos nomes de personalidades negras no caso escritor(a)s brasileiro(a)s, como visto no quadro abaixo:

Figura 2: Tabela de identificação das juventudes

Nomes	Idade	Raça	Ano
Maria Firmina dos Reis	15 anos	Parda	1º ano
Conceição Evaristo	15 anos	Parda	1º ano
João da Cruz	16 anos	Negro	1º ano
Paulo Lin	15 anos	Negro	1º ano
Machado de Assis	16anos	Branco	2º ano
Carolina Maria de Jesus	17 anos	Negra retinta	2º ano
Sueli Carneiro	16 anos	Negra	2º ano
Carla Akotirene	16 anos	Negra	2º ano
Abadias do Nascimento	20 anos	Negro	3º ano
Beatriz Nascimento	20 anos	Negra	1º ano

Fonte: Autoria própria

As entrevistas semiestruturadas ocorreram entre os dias 01 e 03 de junho de 2026, com as juventudes representadas no quadro, com 10 perguntas abertas sobre o racismo recreativo, as perguntas de 1 a 5 refere-se ao conhecimento deles sobre práticas racistas e se já vivenciaram, enquanto as questões de 6 a 10 são a respeito do racismo recreativo nas interações com os colegas, e os impactos desse fenômeno nas relações interpessoais. Diante disso, vale lembrar que o racismo é um mecanismo de legitimação de violência, que tem a raça como dispositivo de dominação de uma classe sobre a outra. E nem sempre ocorre de maneira explícita, e pode se manifestar na forma de humor, entre amigos. Como aponta Moreira (2019)

Ele deve ser visto como um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial. (Moreira, 2019. p,95)

Quando as juventudes foram questionadas sobre sua concepção acerca do racismo Recreativo ou se já presenciaram o fenômeno, dos 10 entrevistados, 8 nunca tinham ouvido falar, e os outros não conheciam o significado, 9 dos jovens já vivenciaram na pele o racismo na forma de humor, enquanto 1 nunca passou, mas conhece familiares e amigos que frequentemente sofrem com o racismo, a entrevistada, Maria Carolina fez o seguinte relato:

“Já ouvir falar em racismo, agora recreativo não, racismo nunca fiz e nunca vou fazer e eu não vou fazer com uma pessoa sabendo que sou negra também. Só brinco com meus colegas da sala de preto encardido do Sol, em casa tem minha irmã que diz que eu não sou filha da minha mãe, porque sou preta.”(Maria Carolina de Jesus, 01, de junho 2026).

Enquanto outra respondeu:

“Não conhecia, mas sei que o racismo, é a prática de zombar, do tom da pele, ou do cabelo de outras pessoas para se sentir superior àquela pessoa. eu nunca passei, nem vi nenhum dos meus familiares passarem por isso, mas vi um menino da escola sofrendo de longe, ele foi chamado de macaco por outro menino, e eu acho que para a pessoa que passou ela sente que não é algo bom. Eu não tive nenhuma reação” (Conceição Evaristo, 01. Jun de 2026).

O jovem Abadias respondeu:

“Eu só ouvir na aula da senhora. Acontece quase toda hora, tipo chamar de macaco, mas

para eles é brincadeira chamar de macaco, mas pra nós não.” (Abadias Nascimento, 03 de Junho de 2026).

Abadias foi o único aluno da turma de terceiro ano que aceitou fazer a entrevista, é o aluno que a professora Liliane relata que mais sofre racismo recreativo dos colegas. A comparação do negro com o macaco, é a mais genérica manifestação do racismo, são falas e piadas, com o teor de animalizar, e inferiorizar. Enquanto isso, o outro jovem, demonstra o total desconhecimento do racismo recreativo, e que para ele só é “racismo de verdade” quando não tem brincadeira, e vivencia inconscientemente o racismo na forma de humor.

“Assim, tipo de verdade? De verdade não, mas de molecagem de brincadeira um monte”. (João da Cruz, 03 de junh.2026).

Para o jovem Machado de Assis por ser um menino branco, não entendeu o motivo de seu familiar ter sofrido racismo, as pessoas tendem a viverem suas vidas normal, porque o racismo nunca vai acontecer com elas, mas lhes causará revolta se acontecer com um familiar dele.

Não sabia o que era racismo recreativo, eu não faço racismo, minha percepção do racismo é um preconceito contra uma pessoa negra. Já presenciei um familiar passar pelo racismo. A Sensação foi de revolta e tentar entender o porquê aquilo estava acontecendo. (Machado de Assis de, 03 de Junh.2026)

Foi possível identificar que o desconhecimento, do racismo na forma de humor, contribui para a naturalização do racismo entre as juventudes, os demais entrevistados responderam que, nunca, e que já tinham vivido o racismo recreativo, só não sabia que era esse nome que se dava para brincadeiras que o inferioriza.

4.2 A naturalização do racismo recreativo e seus danos psicologicos e sociais nas interações interpessoais.

Nesse campo as perguntas do roteiro de entrevista seguem duas categorias, as experiências vivenciadas pelas juventudes, e os danos que o racismo pode causar pelas práticas às relações interpessoais entre os colegas. De acordo com Ferreira (2026), essas práticas são frequentes no espaço escolar:

Numa sociedade onde há discriminação, como à brasileira, é claro ter a pessoa afrodescendente já se deparado, por diversas vezes, com situações de afronta e indignidade em função de suas características etnocracias, sob a forma de agressões físicas ou verbais abertas, ou através de formas mais sutis, como recusas com relação a empregos sob diferentes justificativas. É comum o negro ser pessoalmente agredido na escola ou na situação de trabalho, ser rejeitado para uma festa ou ser testemunha da agressão sofrida por um amigo.(Ferreira,2026. p,77)

Os alunos foram questionados sobre as experiencias de racismo:

Abadias do Nascimento: “Meus amigos já falaram coisas que me deixaram triste, passo por brincadeiras doto dia, eu não falei com eles, eu também não soube explicar mais acho que por receio, eu sabia que era racismo, mas fiquei com medo deles falarem alguma coisa. “(Abadias Nascimento, 03 de Junho de 2026).

Sueli Carneiro: “Tipo assim, tem algumas brincadeiras que minhas amigas fazem que é um pouco parecido com isso mais aí eu já nem ligo mais. Eu já passo por muita coisa em casa, eu já conversei, na “brincadeira” tem algumas palavras que não dá muito certo. Tipo, elas, só ficam brincando, tipo se chamando de preta e não sei de quê.” E a gente acaba brigando, e minha família fica falando do meu peso e ficam sorrindo demais, eu não gosto, mas não adianta.” (Sueli Carneiro, 03 de junho).

Carla Akotirene: “Já sofri, por fora eu estava sorrindo mas por dentro estava querendo chorar. A brincadeira foi sobre minha aparência. Mexeu com minha autoestima, eu só tenho uma amiga na escola, me sinto excluída”. (Carla Akotirene,03 de Junho de 2026).

Carolina Maria de Jesus: “Eu sou mais amiga dos meninos, as meninas já têm sua panelinha, nossa relação é muito boa, quando tem uma pessoa triste agente sempre ajuda. Ano passado um menino disse que meu cabelo é de bombril, mas não me afetou muito porque eu sei que ele também é negro. Eu também já fiz bullying com os meninos da sala só na brincadeira. As brincadeiras são leves, as vezes eu fico sentida com as molecagens, mas não tem problema.

Quando a entrevistada fala que não se importa muito porque o menino que fez a brincadeira com ela também é negro, fica nítido que quem sofre o racismo como forma de brincadeira também reproduz como modo de se defender, é como defende Moreira, (2019), não é apenas pessoas brancas que tem atitudes dessa natureza, mas pessoas negras também

pela razão defendida pela entrevista, se trata de uma naturalização da violência.

Não é somente pessoas brancas que utilizam do humor racista para degradar pessoas negras. A discriminação possui uma dimensão reflexiva e isso significa que minorias raciais também internalizam estigmas e passam a tratar outras pessoas que pertence ao mesmo grupo de forma pejorativa. (Moreira, 2019,p,98).

Conceição Evaristo: “Tanto em casa como na escola me chamam de olho de bomba, me chamaram de macaca da Niquita, a negra preta do cão. Isso é racismo. Ah, professora na minha rua eu sofro muito. Mas eu também revido. Elas me chamam de negra preta, aí eu pego falo e falo para o povo de casa, mas eles não me apoiam.” (Conceição Evaristo, 01 julho de 2026).

Machado de Assis. “Eu tenho muitos amigos negros e nossa relação é amigável e de brincadeira também. Quando eu estudei sobre negros só aprendi sobre escravizados. Nunca disse nada, na maioria das vezes é só em tom de brincadeira, as brincadeiras não são envolvendo a cor, só os olhos, e o cabelo.” (Machado de Assis, 01 de junho 2024).

Uma entrevistada: “Já aconteceu comigo, mas não falei nada, porque pra mim nada vai se resolver. Quando a gente fala eles dizem que é frescura, uma colega negra, disse que na escola particular só tinha gente branca e falavam da boca dela e se sentia feia” (03 de junho, 2026).

Paulo Lin: “É só brincadeira, tia. Tipo assim a minha família a maior parte da minha família é negra e eu e meu primo a gente se chame de asfalto, ninguém leva para o coração não, a gente não faz com os de fora. Só passei de brincadeira, mas não levo para o coração. Já me chamaram de porco, quem fez foi o pessoal lá da sala e lá de casa” (Paulo Lin, 03 de julho de 2026).

As entrevistas revelam que o racismo recreativo está presente nas relações do cotidiano das juventudes, e se mantém por duas razões. De acordo com Ferreira (2014), primeiro quando ocorre eles não conversam com os colegas sobre seus sentimentos e sobre o desconforto da brincadeira, podendo ser por medo de não serem entendidos ou levados a sério, preferindo silenciar e engolir a dor, segundo “Como a discriminação tende a ser um processo ‘camuflado’, não se tem abertura para que tais questões sejam discutidas, dificultando o processo de reversão do preconceito.” (Ferreira, 2014.p,81).

A outra explicação é por levarem na brincadeira, por serem amigos, e justificam que não “levam para o coração” ou então não se importam. Vale ressaltar, que as entrevistas também mostram que os jovens sofrem tanto na escola o racismo como dentro de suas casas no meio de seus parentes. Tal fato, só reforça a naturalização do racismo.

Numa sociedade onde há discriminação, como à brasileira, é claro ter a pessoa afrodescendente já se deparado, por diversas vezes, com situações de afronta e indignidade em função de suas características etnocracias, sob a forma de agressões físicas ou verbais abertas, ou através de formas mais sutis, como recusas com relação a empregos sob diferentes justificativas. É comum o negro ser pessoalmente agredido na escola ou na situação de trabalho, ser rejeitado para uma festa ou ser testemunha da agressão sofrida por um amigo.(Ferreira,2026. p,77).

Por tanto, nessas primeiras entrevistas concluímos que o racismo recreativo deixa marcas profundas impactando diretamente em sua autoestima, na prática a pessoa vai mudando seus hábitos para se enquadrar, como por exemplo, passa a prender seu cabelo etc. E a ferida fica aberta, pois toda vez que ela lembra da situação lhe causa uma grande tristeza. que não só ela já vivenciou na pele o racismo recreativo, como vários outros jovens negros.

As consequências psicológicas e sociais são muito grande. O racismo recreativo, tem consequências graves na vida do jovem negro, entre eles estão baixa autoestima, exclusão, medo, entre outros problemas. De acordo com Moreira (2019), “Mensagens depreciativas sobre grupos minoritários causam danos psicológicos significativos. A circulação contínua de estereótipos negativos também pode provocar danos psicológicos de longa duração nos indivíduos. “(Moreira, 2019.p,110), as juventudes relatam que as marcas do racismo causam impactos como :

IMPACTOS PSICOLÓGICOS

- 5- Depressão
- 3- Baixa autoestima
- 3- Tristeza
- 1- Medo
- 1- Sofrimento emocional

SOCIAIS

- 3- Exclusão
- 2- Distanciamento
- 1- Dificuldade de socializar
- 1- Comparação e insegurança

Analisando os dados observamos que a saúde mental das juventudes está em risco, 5 dos entrevistados relataram que o racismo causa depressão, 4 deles falaram sobre a baixa autoestima, os outros marcadores sociais funcionam como uma escada para a concretização de uma doença muito grave, a depressão é um dos fatores que mais leva jovens, adultos e até crianças ao suicídio, os dados só reforçam que o racismo está tomando grandes proporções.

E o alvo permanece sendo as juventudes brasileiras de pele negra, eles(as) estão vulneráveis ao adoecimento mental, e muitos continuam olhando e dizendo que foi só mais uma brincadeira, ou frescura e até vitimismo, não é brincadeira é racismo, e não tem graça quando um jovem desenvolve, a ansiedade, e não consegue nem colocar para fora o veneno que teve que engolir, por medo. Medo do abandono, da crítica, porque o negro foi ontem e continua sendo hoje silenciado simbolicamente falando mesmo que seja pelos seus semelhantes, o silenciamento relatado pelos estudantes é o que a autora e filósofa Grada Kilomba,(2008), escreve em sua obra Memórias da Plantação, representando o medo através da máscara de Anastácia:

“Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos /os escravizados/ os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso comum de mudez de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. (Kilomba, 2008,p. 33).

A máscara de Anastácia era uma ferramenta cruel de tortura aos escravizados, Kilomba (2008) e podemos dizer que atualmente, o racismo recreativo é a máscara que esconde o racismo, e silencia as juventudes. Destacamos a fala da jovem Carolina, essa resume e afirma que essa política cultural está presente na vida escolar das juventudes:

“A baixa autoestima, se sentir mal fica só pra si mesmo, e quando ela vai falar pra outra pessoa ela fica rindo, ou dizem que é frescura, sendo que estão sendo racistas, 90% daqui são negros. Quando os meninos chama a gente de encardidos do sol, é muito ruim, a pessoa ser ofendida sem a pessoa ter feito nada. Muitos alunos já sofreram racismo aqui, o bagulho é doido professora.” (Carolina Maria de Jesus, 03 de junho de 2026)

Marcas na autoestima:

Nas primeiras entrevistas verifica-se, que ainda ficaram as marcas profundas do racismo, na vida dos entrevistados, como o relato de uma jovem que passou a prender seu cabelo. E a ferida ainda está aberta, pois todas as vezes que ela lembra da situação lhe causa uma grande tristeza.

Não só ela já vivenciou na pele, como vários outros jovens negros, entre os traços

fenótipos de uma pessoa negra a cor e o cabelo são os mais atacados pelo preconceito, sendo que o *cabelo black power* é o principal símbolo da resistência e liberdade da identidade preta. Para Sousa, (2020), o cabelo *black* é alvo de piadas e brincadeiras racistas.

Segundo Rafael Abreu e Sousa, o cabelo crespo é estigmatizado e normalizado como ruim, muitos das juventudes demoram a aceitar seus cabelos, justamente por isso, a inferiorização do cabelo crespo parte da autoaceitação e juventudes negras que possuem seus crespos já sofreram com as piadas e ofensas por terem cabelo crespo, associado a falta de cuidado e, desde pequenos são submetidos a alisamentos e outros meios estéticos para se proteger do racismo. Identificamos isso nas falas dos entrevistados abaixo:

Maria Firmina Dos Reis: “uma situação que eu passei foi que eu estava usando meu cabelo solto, e um menino de uma outra sala, estava passando no pátio e disse que o meu cabelo era uma juba de leão, depois disso passei a amarrar meu cabelo. Eu fico triste toda vez que falo sobre isso”

Carolina Maria de Jesus: “Já passei, foi um menino, ele era novato na minha sala, e sempre tenta se aproximar e ele do nada começou a fazer perguntas sobre meu cabelo, porque teu cabelo é assim? parece bucha de lavar panela”. Segundo Sousa (2020):

Assim, é comum que a frase “arrume esse cabelo” ou “penteie esse cabelo” esteja associada a toda uma tecnologia de asseamento que não apenas não é própria do corpo negro como força, sobre a materialidade dos cabelos crespos, coisas que lhe violentam, quebrando-os, arrancando-os e causando-lhes literalmente dor. (Sousa, 2020.p52).

Damascena e Miranda (2018), ressalta que a escola é um campo simbólico no qual a estigmatização do cabelo crespo e dos traços físicos dos jovens negros(as), sustenta a ideologia de que cabelo bom é o cabelo liso.

Os impactos do poder simbólico naturalizado, principalmente no campo estético, sendo muito comum no espaço escolar que é o campo de grande influência ideológica as reproduções do discurso de que (Cabelo crespo é ruim- O negro é burro- Negro é sinal de sujeira-Traços de negro são traços de macaco-Negro tem talento para ladrão-Ser branco é ser bom- Cabelo bom é Cabelo liso- Eu sou negro de alma branca (Damascena; Miranda, 2018,p.151)

Assim, a naturalização simbólica do branco como o ideal de beleza construído no imaginário social do indivíduo, inferioriza os traços africanos como não bonitos, levando

meninos e meninas negros(as) ao sofrimento psicológico e a baixa autoestima. Adilson Moreira, (2019) ressalta os danos que as práticas de racismo recreativo causam na saúde de uma pessoa negra:

“Vemos então que os danos psicológicos decorrentes de tratamentos discriminatórios legitimados por estereótipos são significativos. Eles incluem medos patológicos e retraimento social. O indivíduo faz todo o possível para evitar as situações que provocaram estresse emocional, o que torna a vida em sociedade uma fonte de ameaça constante. Essas pessoas podem desenvolver um sentimento de desconfiança permanente em relação a membros dos grupos dominantes, algo muito grave, uma vez que ela está em contato com eles todo o tempo. Mas algo ainda mais problemático pode ocorrer, porque essas pessoas podem internalizar o ódio expresso nas representações racistas e procurar se afastar do próprio grupo social, o que significa se afastar de si mesma.” (Moreira, 2019.p,110).

Diante do exposto, não é mais aceitável a naturalização e dizer que é comum as juventudes reproduzirem as práticas e não veem mal nenhum, é importante que os jovens tomem consciência sobre as consequências das brincadeiras que ferem e fazem sangrar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente trabalho de caráter qualitativo, teve como objetivo compreender como as juventudes, entendem o fenômeno “racismo recreativo”, e foi identificado que essa prática de racismo influencia nas relações interpessoais das juventudes pesquisadas. Conclui-se que as juventudes do C.E. Gonçalves Dias, não possuem pleno conhecimento acerca do racismo recreativo. Embora identifiquem tais atos como racismo, eles os reproduzem sob o disfarce de piadas ou brincadeiras. Mesmo quando o conteúdo ofende e magoa, os jovens(as) preferem o silêncio, de certa forma, buscando se proteger. Essa omissão gera consequências graves nas relações interpessoais, tais como exclusão, ansiedade e distanciamento social, além de severos impactos psicológicos, como a depressão. O racismo em forma disfarçado de brincadeira faz parte do cotidiano das juventudes e já está naturalizado.

Diante disso, entende-se que o racismo recreativo é compreendido entre os jovens como “brincadeira”, justamente por ser sutil e velado, os jovens(as) podem ter três reações em frente ao racismo, silenciam e guardam o sofrimento para si por medo do isolamento social, por acreditarem que não serão compreendidos ou, ainda, pelo receio de que sua dor seja rotulada como "frescura", reproduzir e devolver a ofensa, ou se revoltar contra a violência sofrida, mas a reação mais comum é o silenciamento que acarreta danos profundos na vida das juventudes, o racismo recreativo é por tanto, a raiz que sustenta o racismo nas relações interpessoais das juventudes. Essa pesquisa abre possibilidades para o desenvolvimento de novos trabalhos educativos sobre esse racismo velado, e a importância de identificar as práticas do racismo recreativo nas interações além de levá as juventudes a refletir sobre a naturalização desse racismo, e cortar as raízes que fortalece a violência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO, Robson Barboza; JUNIOR, Milton Ferreira da Silva. **No chão da escola: superação das transgressões didático-pedagógicas e superação do racismo estrutural**. Itabuna: Secretaria do Estado da Bahia; Universidade Federal do Sul da Bahia, 2022.

ARAUJO, Camilla Lima de. **Do riso fez-se o pranto: expressões do racismo e as consequências sociais do humor racista no Brasil**. 2024. 162 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/20744>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, t. 52, p. 195-217, 2021. Disponível em: <<https://impactum-journals.uc.pt/rph/article/view/8691/7504>>. Acesso em: 5 jun. 2026.

BARROS, Leandro Barbosa. **As representações dos escravizados no jornal publicador maranhense no contexto das Leis Antitráfico (1845-1850)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022. Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/5948>>. Acesso em: 8 jun. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Uma incursão pelo lado “não-respeitável” da pesquisa de campo. **Revista de Antropologia**, 2023. DOI: <https://orcid.org/0000-0002-7737-7522>. Acesso em: 30 jun. 2026.

DAMASCENA, Quecia Silva; MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Caminhos identitários: contribuições de Kabengele Munanga na construção da identidade negra positiva**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.

EMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil**. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 10 mar. 2026.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br>>. Acesso em: 6 jun. 2026.

FERREIRA, Ricardo Franklin. O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822002000100005>. Acesso em: 25 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 33, n. 59, 2021. DOI: 10.7213/1980-5934.33.059.DS06. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27991>>. Acesso em: 22 jun. 2026.

GONZALES, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em:

<<https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/10316>>. Acesso em: 8 jun. 2026 (Ref. também acessada em 20 jun. 2026).

GROPPO, Antonio Luiz. **Introdução à Sociologia da Juventude**. 2017. Disponível em: <<https://www.unifal-mg.edu.br/ocupacoessecundaristas/wp-content/uploads/sites/207/2021/08/28-GROPPO-Introducao-a-sociologia-da-juventude.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2026.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise psicológica**, v. 24, n. 3, p. 363-372, 2006.

INFORME MIR. **Monitoramento e avaliação**: nº 3 - Edição Censo Demográfico 2022. Brasília, DF: Ministério da Igualdade Racial, fev. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, 2008.

LEITE, M. J. dos S. Tráfico atlântico, escravidão e resistência no Brasil. **Sankofa**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 64-82, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2017.137196>. Acesso em: 10 mar. 2026.

MARIETTO, Marcio Luiz. Observações participantes e não participante: contextualização teórica e sugestões de roteiro de aplicação de métodos. **Sapiens Research**, 2018. DOI: 10.5585/.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania**. In: SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA, 1., 2005, São Paulo. Palestra proferida [...]. Disponível em: <<https://www.academia.edu>>. Acesso em: 2026.

OLIVEIRA, Elissânia da Silva. **“É só de brincando, tia”: racismo recreativo em apelidos, piadas e brincadeiras no ambiente escolar**. 2026. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2026. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/66595>>. Acesso em: 25 jun. 2026.

PANTA, Mariana; PALLISSER, Nikolas. “Identidade nacional brasileira” versus “identidade negra”: reflexões sobre branqueamento, racismo e construções identitárias. **Revista Espaço Acadêmico**, 2017. Disponível em: <<https://www.academia.edu>>. Acesso em: 22 jun. 2026.

RAFAEL, de Abreu Santos. Deixa meu cabelo em paz e outros contos sobre Arqueologia do Racismo à Brasileira. **Revista de Arqueologia (SAB)**, v. 33, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v33i2.743>. Acesso em: 26 jun. 2026.

RIBEIRO PIRES, J. V. A escravidão como um negócio disseminado no jornal da Corte de D. João VI no Rio de Janeiro (1808-1821). **Anuario de Estudios Americanos**, v. 79, n. 1, p. 171204, 2022. DOI: 10.3989/aeamer.2022.1.06. Disponível em: <<https://estudiosamericanos.revistas.csic.es/index.php/estudiosamericanos/article/view/939>>. Acesso em: 7 jun. 2026.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1 ed. São Paula, 2018

SANTOS, Joel Rufino dos. **A história do negro no Brasil**. São Luís, 1985.

SANTOS, Irene Nascimento dos; PAULA, Taciana Lima de; SILVA, Karlina Vanderlei; SANTOS, Carolina da Franca Bandeira Ferreira. O racismo estrutural e seu impacto na saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, e34025, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434025pt>. Acesso em: 26 jun. 2026.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos no final do século XIX. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, [s.d.].

SILVA, Cecília da. **A representação social do negro no livro didático**: o que mudou? O que não mudou? 2011. f. 31. Trabalho de Conclusão de Curso/Dissertação – Repositório Institucional da UFBA, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/8688>>. Acesso em: 18 jun. 2026.

SOUZA, Cláudio de Almeida. O comércio de escravizados no periódico “Idade d’ouro do Brasil” em contraste com as acepções atuais de afrodescendência na perspectiva da interseccionalidade e suas implicações na educação das relações étnico-raciais. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 71, n. 27, p. 167-179, dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.36572/csm.v71i27.10885>. Acesso em: 6 jun. 2026.

APÊNDICE

1- Imagens do espaço preparado para as conversas com os(as) alunos (as)



Fonte: A autora (2026)

ANEXOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CAMPUS CAXIAS

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que a acadêmica Tatiara Assunção Sousa MAT. 20220007033 é regularmente matriculada no curso de Ciências Sociais Campus/Caxias, em fase de conclusão de curso.

A acadêmica está realizando o trabalho de conclusão de curso-TCC, pesquisando a seguinte temática: "É brincadeira ou Racismo Recreativo?": O olhar da juventude do Centro de Ensino Gonçalves Dias, e escolheu a referida instituição para realizar a pesquisa. A pesquisa está sob a orientação da profa. Dra. Elizete Santos.

Agradecemos essa renomada instituição pela contribuição na realização da pesquisa.

Caxias-MA, 09 de junho de 2026



Acadêmica: Tatiara Assunção Sousa

Documento assinado digitalmente
 ELIZETE SANTOS
Data: 11/06/2026 13:18:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Profa. Dra. Elizete Santos



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL LEGAL)

Convidamos a Sr. _____ na condição de mãe e responsável legal, a autorizar a participação da _____, na pesquisa intitulada “É brincadeira ou racismo recreativo? O olhar dos jovens da escola Gonsalves Dias sobre o racismo recreativo”, sob responsabilidade da pesquisadora Tatiara Assunção Sousa. Antes de decidir participar, é importante que leia atentamente este documento. Caso haja dúvidas, a pesquisadora estará disponível para prestar todos os esclarecimentos necessários.

1. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem o fenômeno do racismo, “racismo recreativo”, conceituado como práticas sutis de racismo manifestados em falas e piadas com a intenção de provocar o riso. O estudo contribui para levar a reflexão dos jovens e identificar tais práticas de racismo no chão da escola, e assim buscar mecanismos para combatê-lo. Para isso, caso a senhora aceite participar, serão realizadas uma entrevista com sua filha _____. As entrevistas terão duração média de 15 a 20 minutos e serão realizadas em local reservado, previamente acordado, garantindo privacidade e conforto. As observações ocorrerão no ambiente escolar, respeitando a rotina dos jovens e buscando minimizar qualquer tipo de interferência.
2. Toda pesquisa envolvendo seres humanos pode apresentar riscos, ainda que mínimos. Neste estudo, poderão ocorrer pequenos desconfortos de natureza emocional, como timidez, constrangimento ao responder perguntas ou cansaço durante a participação nas atividades. Para minimizar esses riscos, serão adotadas medidas como a realização das entrevistas em ambiente acolhedor, o respeito ao tempo e à vontade dos participantes, a possibilidade de interromper ou desistir da participação a qualquer momento, além da garantia de sigilo e anonimato das informações.
3. Em relação aos benefícios, não há garantia de vantagens diretas aos participantes; contudo, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para a desnaturalização do racismo recreativo, e a conscientização de que o racismo se manifesta em práticas entendidas por muitos como “brincadeira”, principalmente no espaço escolar.
4. A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, podendo a estudante recusar-se a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao seu vínculo com a instituição. Não haverá custos nem qualquer tipo de pagamento pela participação.
5. Todas as informações coletadas serão tratadas com confidencialidade, sendo utilizadas exclusivamente para fins científicos. A identidade dos participantes será preservada, não sendo divulgados nomes ou quaisquer dados que permitam sua identificação.

Caso a Sr. _____ tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiara Assunção Sousa pelo telefone (99) 98154-3932.



Ou, pelo e-mail assuncaoassuncao@gmail.com ou no endereço Rua Januário Veríssimo, nº 638, Centro, Barão de Grajaú – MA. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, a Sr. Valdirene da Silva Mendes poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UEMA), localizado na, nº 746, Centro, Caxias – MA, telefone (99) 3521-3938.

Declaro que fui devidamente informado sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, e que concordo voluntariamente em participar.

Finalmente, tendo a participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, a mesma concorda em participar e, para tanto eu _____

_____ declaro que concedo meu consentimento de forma livre e espontânea, sem ter sido forçada ou coagida a participar desta pesquisa.

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Fone: (99) 3521-3936 ou (99) 3521-3868.

Endereço: Praça Duque de Caxias, s/n Morro do Alecrim em Caxias/MA

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias., nº 746, Centro. Caxias/MA. Telefone: (99) 3521-3938.

Praça Duque de Caxias, Morro do Alecrim/MA, 02 de Junho de 2026.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

CPF:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL LEGAL)

Convidamos a Sr. _____ na condição de mãe e responsável legal, a autorizar a participação do _____, na pesquisa intitulada “É brincadeira ou racismo recreativo? O olhar dos jovens da escola Gonsalves Dias sobre o racismo recreativo”, sob responsabilidade da pesquisadora Tatiara Assunção Sousa. Antes de decidir participar, é importante que leia atentamente este documento. Caso haja dúvidas, a pesquisadora estará disponível para prestar todos os esclarecimentos necessários.

1. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem o fenômeno do racismo, “racismo recreativo”, conceituado como práticas sutis de racismo manifestados em falas e piadas com a intenção de provocar o riso. O estudo contribui para levar a reflexão dos jovens e identificar tais práticas de racismo no chão da escola, e assim buscar mecanismos para combatê-lo. Para isso, caso a senhora aceite participar, serão realizadas uma entrevista com seu filho _____. As entrevistas terão duração média de 15 a 20 minutos e serão realizadas em local reservado, previamente acordado, garantindo privacidade e conforto. As observações ocorrerão no ambiente escolar, respeitando a rotina dos jovens e buscando minimizar qualquer tipo de interferência.
2. Toda pesquisa envolvendo seres humanos pode apresentar riscos, ainda que mínimos. Neste estudo, poderão ocorrer pequenos desconfortos de natureza emocional, como timidez, constrangimento ao responder perguntas ou cansaço durante a participação nas atividades. Para minimizar esses riscos, serão adotadas medidas como a realização das entrevistas em ambiente acolhedor, o respeito ao tempo e à vontade dos participantes, a possibilidade de interromper ou desistir da participação a qualquer momento, além da garantia de sigilo e anonimato das informações.
3. Em relação aos benefícios, não há garantia de vantagens diretas aos participantes; contudo, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para a desnaturalização do racismo recreativo, e a conscientização de que o racismo se manifesta em práticas entendidas por muitos como “brincadeira”, principalmente no espaço escolar.
4. A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, podendo a estudante recusar-se a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao seu vínculo com a instituição. Não haverá custos nem qualquer tipo de pagamento pela participação.
5. Todas as informações coletadas serão tratadas com confidencialidade, sendo utilizadas exclusivamente para fins científicos. A identidade dos participantes será preservada, não sendo divulgados nomes ou quaisquer dados que permitam sua identificação.

Caso a Sr. _____ tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiara Assunção Sousa pelo telefone (99) 98154-3932.



Ou, pelo e-mail assuncaosousatatiarasousa@gmail.com ou no endereço Rua Januário Veríssimo, nº 638, Centro, Barão de Grajaú – MA. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, a Sr. Francisca Maria poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UEMA), localizado na, nº 746, Centro, Caxias – MA, telefone (99) 3521-3938.

Declaro que fui devidamente informado sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, e que concordo voluntariamente em participar.

Finalmente, tendo a participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, a mesma concorda em participar e, para tanto eu _____

_____ declaro que concedo meu consentimento de forma livre e espontânea, sem ter sido forçada ou coagida a participar desta pesquisa.

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Fone: (99) 3521-3936 ou (99) 3521-3868.

Endereço: Praça Duque de Caxias, s/n Morro do Alecrim em Caxias/MA

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias., nº 746, Centro. Caxias/MA. Telefone: (99) 3521-3938.

Praça Duque de Caxias, Morro do Alecrim/MA, 02 de julho de 2026.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

CPF:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL LEGAL)

Convidamos a Sr. _____ na condição de mãe e responsável legal, a autorizar a participação de sua filha na pesquisa intitulada “É brincadeira ou racismo recreativo? O olhar dos jovens da escola Gonsalves Dias sobre o racismo recreativo”, sob responsabilidade da pesquisadora Tatiara Assunção Sousa. Antes de decidir participar, é importante que leia atentamente este documento. Caso haja dúvidas, a pesquisadora estará disponível para prestar todos os esclarecimentos necessários.

1. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem o fenômeno do racismo, “racismo recreativo”, conceituado como práticas sutis de racismo manifestados em falas e piadas com a intenção de provocar o riso. O estudo contribui para levar a reflexão dos jovens e identificar tais práticas de racismo no chão da escola, e assim buscar mecanismos para combatê-lo. Para isso, caso a senhora aceite participar, serão realizadas uma entrevista com a sua filha _____. As entrevistas terão duração média de 15 a 20 minutos e serão realizadas em local reservado, previamente acordado, garantindo privacidade e conforto. As observações ocorrerão no ambiente escolar, respeitando a rotina dos jovens e buscando minimizar qualquer tipo de interferência.
2. Toda pesquisa envolvendo seres humanos pode apresentar riscos, ainda que mínimos. Neste estudo, poderão ocorrer pequenos desconfortos de natureza emocional, como timidez, constrangimento ao responder perguntas ou cansaço durante a participação nas atividades. Para minimizar esses riscos, serão adotadas medidas como a realização das entrevistas em ambiente acolhedor, o respeito ao tempo e à vontade dos participantes, a possibilidade de interromper ou desistir da participação a qualquer momento, além da garantia de sigilo e anonimato das informações.
3. Em relação aos benefícios, não há garantia de vantagens diretas aos participantes; contudo, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para a desnaturalização do racismo recreativo, e a conscientização de que o racismo se manifesta em práticas entendidas por muitos como “brincadeira”, principalmente no espaço escolar.
4. A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, podendo a estudante recusar-se a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao seu vínculo com a instituição. Não haverá custos nem qualquer tipo de pagamento pela participação.
5. Todas as informações coletadas serão tratadas com confidencialidade, sendo utilizadas exclusivamente para fins científicos. A identidade dos participantes será preservada, não sendo divulgados nomes ou quaisquer dados que permitam sua identificação.

Caso a Sr. _____ tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiara Assunção Sousa pelo telefone (99) 98154-3932.

Ou, pelo e-mail assuncaosousatatiarasousa@gmail.com ou no endereço Rua Januário Veríssimo, nº 638, Centro, Barão de Grajaú – MA. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, a Sr. Maria Sandra poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UEMA), localizado na, nº 746, Centro, Caxias – MA, telefone (99) 3521-3938.

Declaro que fui devidamente informado sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, e que concordo voluntariamente em participar.

Finalmente, tendo a participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, a mesma concorda em participar e, para tanto eu _____

_____ declaro que concedo meu consentimento de forma livre e espontânea, sem ter sido forçada ou coagida a participar desta pesquisa.

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Fone: (99) 3521-3936 ou (99) 3521-3868.

Endereço: Praça Duque de Caxias, s/n Morro do Alecrim em Caxias/MA

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias., nº 746, Centro. Caxias/MA. Telefone: (99) 3521-3938.

Praça Duque de Caxias, Morro do Alecrim/MA, 01 de junho de 2026.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

CPF:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL LEGAL)

Convidamos a Sr. _____ na condição de mãe e responsável legal, a autorizar a participação de sua filha na pesquisa intitulada “É brincadeira ou racismo recreativo? O olhar dos jovens da escola Gonsalves Dias sobre o racismo recreativo”, sob responsabilidade da pesquisadora Tatiara Assunção Sousa. Antes de decidir participar, é importante que leia atentamente este documento. Caso haja dúvidas, a pesquisadora estará disponível para prestar todos os esclarecimentos necessários.

1. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem o fenômeno do racismo, “racismo recreativo”, conceituado como práticas sutis de racismo manifestados em falas e piadas com a intenção de provocar o riso. O estudo contribui para levar a reflexão dos jovens e identificar tais práticas de racismo no chão da escola, e assim buscar mecanismos para combatê-lo. Para isso, caso a senhora aceite participar, serão realizadas uma entrevista com a sua filha _____. As entrevistas terão duração média de 15 a 20 minutos e serão realizadas em local reservado, previamente acordado, garantindo privacidade e conforto. As observações ocorrerão no ambiente escolar, respeitando a rotina dos jovens e buscando minimizar qualquer tipo de interferência.
2. Toda pesquisa envolvendo seres humanos pode apresentar riscos, ainda que mínimos. Neste estudo, poderão ocorrer pequenos desconfortos de natureza emocional, como timidez, constrangimento ao responder perguntas ou cansaço durante a participação nas atividades. Para minimizar esses riscos, serão adotadas medidas como a realização das entrevistas em ambiente acolhedor, o respeito ao tempo e à vontade dos participantes, a possibilidade de interromper ou desistir da participação a qualquer momento, além da garantia de sigilo e anonimato das informações.
3. Em relação aos benefícios, não há garantia de vantagens diretas aos participantes; contudo, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para a desnaturalização do racismo recreativo, e a conscientização de que o racismo se manifesta em práticas entendidas por muitos como “brincadeira”, principalmente no espaço escolar.
4. A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, podendo a estudante recusar-se a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao seu vínculo com a instituição. Não haverá custos nem qualquer tipo de pagamento pela participação.
5. Todas as informações coletadas serão tratadas com confidencialidade, sendo utilizadas exclusivamente para fins científicos. A identidade dos participantes será preservada, não sendo divulgados nomes ou quaisquer dados que permitam sua identificação.

Caso a Sr. _____ tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiara Assunção Sousa pelo telefone (99) 98154-3932.



Ou, pelo e-mail assuncaoosousatatiarasousa@gmail.com ou no endereço Rua Januário Veríssimo, nº 638, Centro, Barão de Grajaú – MA. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, a Sr. Leila Cristiana poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UEMA), localizado na, nº 746, Centro, Caxias – MA, telefone (99) 3521-3938.

Declaro que fui devidamente informado sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, e que concordo voluntariamente em participar.

Finalmente, tendo a participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, a mesma concorda em participar e, para tanto eu _____

_____ declaro que concedo meu consentimento de forma livre e espontânea, sem ter sido forçada ou coagida a participar desta pesquisa.

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Fone: (99) 3521-3936 ou (99) 3521-3868.

Endereço: Praça Duque de Caxias, s/n Morro do Alecrim em Caxias/MA

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias., nº 746, Centro. Caxias/MA. Telefone: (99) 3521-3938.

Praça Duque de Caxias, Morro do Alecrim/MA, 28 de Maio de 2026.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

CPF:

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL
LEGAL)**

Convidamos a Sr. _____ na condição de mãe e responsável legal, a autorizar a participação da sua filha _____, na pesquisa intitulada “É brincadeira ou racismo recreativo? O olhar dos jovens da escola Gonsalves Dias sobre o racismo recreativo”, sob responsabilidade da pesquisadora Tatiara Assunção Sousa. Antes de decidir participar, é importante que leia atentamente este documento. Caso haja dúvidas, a pesquisadora estará disponível para prestar todos os esclarecimentos necessários.

1. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem o fenômeno do racismo, “racismo recreativo”, conceituado como práticas sutis de racismo manifestados em falas e piadas com a intenção de provocar o riso. O estudo contribui para levar a reflexão dos jovens e identificar tais práticas de racismo no chão da escola, e assim buscar mecanismos para combatê-lo. Para isso, caso a senhora aceite participar, serão realizadas uma entrevista com sua filha _____. As entrevistas terão duração média de 15 a 20 minutos e serão realizadas em local reservado, previamente acordado, garantindo privacidade e conforto. As observações ocorrerão no ambiente escolar, respeitando a rotina dos jovens e buscando minimizar qualquer tipo de interferência.
2. Toda pesquisa envolvendo seres humanos pode apresentar riscos, ainda que mínimos. Neste estudo, poderão ocorrer pequenos desconfortos de natureza emocional, como timidez, constrangimento ao responder perguntas ou cansaço durante a participação nas atividades. Para minimizar esses riscos, serão adotadas medidas como a realização das entrevistas em ambiente acolhedor, o respeito ao tempo e à vontade dos participantes, a possibilidade de interromper ou desistir da participação a qualquer momento, além da garantia de sigilo e anonimato das informações.
3. Em relação aos benefícios, não há garantia de vantagens diretas aos participantes; contudo, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para a desnaturalização do racismo recreativo, e a conscientização de que o racismo se manifesta em práticas entendidas por muitos como “brincadeira”, principalmente no espaço escolar.
4. A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, podendo a estudante recusar-se a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao seu vínculo com a instituição. Não haverá custos nem qualquer tipo de pagamento pela participação.
5. Todas as informações coletadas serão tratadas com confidencialidade, sendo utilizadas exclusivamente para fins científicos. A identidade dos participantes será preservada, não sendo divulgados nomes ou quaisquer dados que permitam sua identificação.

Caso a Sr. _____ tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiara Assunção Sousa pelo telefone (99) 98154-3932.

Ou, pelo e-mail assuncaosousatatiarasousa@gmail.com ou no endereço Rua Januário Veríssimo, nº 638, Centro, Barão de Grajaú – MA. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, a Sr. Roseana poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UEMA), localizado na, nº 746, Centro, Caxias – MA, telefone (99) 3521-3938.

Declaro que fui devidamente informado sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, e que concordo voluntariamente em participar.

Finalmente, tendo a participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, a mesma concorda em participar e, para tanto eu _____

_____, declaro que concedo meu consentimento de forma livre e espontânea, sem ter sido forçada ou coagida a participar desta pesquisa.

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Fone: (99) 3521-3936 ou (99) 3521-3868.

Endereço: Praça Duque de Caxias, s/n Morro do Alecrim em Caxias/MA

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias., nº 746, Centro. Caxias/MA. Telefone: (99) 3521-3938.

Praça Duque de Caxias, Morro do Alecrim/MA, 30 de maio de 2026.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

CPF:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL LEGAL)

Convidamos a Sr. _____ na condição de mãe e responsável legal, a autorizar a participação da _____, na pesquisa intitulada “É brincadeira ou racismo recreativo? O olhar dos jovens da escola Gonsalves Dias sobre o racismo recreativo”, sob responsabilidade da pesquisadora Tatiara Assunção Sousa. Antes de decidir participar, é importante que leia atentamente este documento. Caso haja dúvidas, a pesquisadora estará disponível para prestar todos os esclarecimentos necessários.

1. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem o fenômeno do racismo, “racismo recreativo”, conceituado como práticas sutis de racismo manifestados em falas e piadas com a intenção de provocar o riso. O estudo contribui para levar a reflexão dos jovens e identificar tais práticas de racismo no chão da escola, e assim buscar mecanismos para combatê-lo. Para isso, caso a senhora aceite participar, serão realizadas uma entrevista com sua filha _____. As entrevistas terão duração média de 15 a 20 minutos e serão realizadas em local reservado, previamente acordado, garantindo privacidade e conforto. As observações ocorrerão no ambiente escolar, respeitando a rotina dos jovens e buscando minimizar qualquer tipo de interferência.
2. Toda pesquisa envolvendo seres humanos pode apresentar riscos, ainda que mínimos. Neste estudo, poderão ocorrer pequenos desconfortos de natureza emocional, como timidez, constrangimento ao responder perguntas ou cansaço durante a participação nas atividades. Para minimizar esses riscos, serão adotadas medidas como a realização das entrevistas em ambiente acolhedor, o respeito ao tempo e à vontade dos participantes, a possibilidade de interromper ou desistir da participação a qualquer momento, além da garantia de sigilo e anonimato das informações.
3. Em relação aos benefícios, não há garantia de vantagens diretas aos participantes; contudo, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para a desnaturalização do racismo recreativo, e a conscientização de que o racismo se manifesta em práticas entendidas por muitos como “brincadeira”, principalmente no espaço escolar.
4. A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, podendo a estudante recusar-se a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao seu vínculo com a instituição. Não haverá custos nem qualquer tipo de pagamento pela participação.
5. Todas as informações coletadas serão tratadas com confidencialidade, sendo utilizadas exclusivamente para fins científicos. A identidade dos participantes será preservada, não sendo divulgados nomes ou quaisquer dados que permitam sua identificação.

Caso a Sr. _____ tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiara Assunção Sousa pelo telefone (99) 98154-3932.



Ou, pelo e-mail assuncaosousatatiarasousa@gmail.com ou no endereço Rua Januário Veríssimo, nº 638, Centro, Barão de Grajaú – MA. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, a Sr. _____ poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UEMA), localizado na, nº 746, Centro, Caxias – MA, telefone (99) 3521-3938.

Declaro que fui devidamente informado sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, e que concordo voluntariamente em participar.

Finalmente, tendo a participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, a mesma concorda em participar e, para tanto eu _____

_____ declaro que concedo meu consentimento de forma livre e espontânea, sem ter sido forçada ou coagida a participar desta pesquisa.

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Fone: (99) 3521-3936 ou (99) 3521-3868.

Endereço: Praça Duque de Caxias, s/n Morro do Alecrim em Caxias/MA

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias., nº 746, Centro. Caxias/MA. Telefone: (99) 3521-3938.

Praça Duque de Caxias, Morro do Alecrim/MA, 02 de junho de 2020.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

CPF:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL LEGAL)

Convidamos a Sr. _____ na condição de mãe e responsável legal, a autorizar a participação de sua filha na pesquisa intitulada “É brincadeira ou racismo recreativo? O olhar dos jovens da escola Gonsalves Dias sobre o racismo recreativo”, sob responsabilidade da pesquisadora Tatiara Assunção Sousa. Antes de decidir participar, é importante que leia atentamente este documento. Caso haja dúvidas, a pesquisadora estará disponível para prestar todos os esclarecimentos necessários.

1. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem o fenômeno do racismo, “racismo recreativo”, conceituado como práticas sutis de racismo manifestados em falas e piadas com a intenção de provocar o riso. O estudo contribui para levar a reflexão dos jovens e identificar tais práticas de racismo no chão da escola, e assim buscar mecanismos para combatê-lo. Para isso, caso a senhora aceite participar, serão realizadas uma entrevista com o seu filho Carlos William. As entrevistas terão duração média de 15 a 20 minutos e serão realizadas em local reservado, previamente acordado, garantindo privacidade e conforto. As observações _____ ambiente escolar, respeitando a rotina dos jovens e buscando minimizar qualquer tipo de interferência.
2. Toda pesquisa envolvendo seres humanos pode apresentar riscos, ainda que mínimos. Neste estudo, poderão ocorrer pequenos desconfortos de natureza emocional, como timidez, constrangimento ao responder perguntas ou cansaço durante a participação nas atividades. Para minimizar esses riscos, serão adotadas medidas como a realização das entrevistas em ambiente acolhedor, o respeito ao tempo e à vontade dos participantes, a possibilidade de interromper ou desistir da participação a qualquer momento, além da garantia de sigilo e anonimato das informações.
3. Em relação aos benefícios, não há garantia de vantagens diretas aos participantes; contudo, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para a desnaturalização do racismo recreativo, e a conscientização de que o racismo se manifesta em práticas entendidas por muitos como “brincadeira”, principalmente no espaço escolar.
4. A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, podendo a estudante recusar-se a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao seu vínculo com a instituição. Não haverá custos nem qualquer tipo de pagamento pela participação.
5. Todas as informações coletadas serão tratadas com confidencialidade, sendo utilizadas exclusivamente para fins científicos. A identidade dos participantes será preservada, não sendo divulgados nomes ou quaisquer dados que permitam sua identificação.

Caso a Sr. _____ tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiara Assunção Sousa pelo telefone (99) 98154-3932.



Ou, pelo e-mail assuncaoosousatatiarasousa@gmail.com ou no endereço Rua Januário Veríssimo, nº 638, Centro, Barão de Grajaú – MA. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, a Sr. Maria Marcia Mendes dos Santos poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UEMA), localizado na, nº 746, Centro, Caxias – MA, telefone (99) 3521-3938.

Declaro que fui devidamente informado sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, e que concordo voluntariamente em participar.

Finalmente, tendo a participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, a mesma concorda em participar e, para tanto eu _____

_____ declaro que concedo meu consentimento de forma livre e espontânea, sem ter sido forçada ou coagida a participar desta pesquisa.

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Fone: (99) 3521-3936 ou (99) 3521-3868.

Endereço: Praça Duque de Caxias, s/n Morro do Alecrim em Caxias/MA

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias., nº 746, Centro. Caxias/MA. Telefone: (99) 3521-3938.

Praça Duque de Caxias, Morro do Alecrim/MA, 01 de 06 Junho de 2025.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

CPF:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL LEGAL)

Convidamos a Sr. _____, na condição de mãe e responsável legal, a autorizar a participação de sua filha na pesquisa intitulada “É brincadeira ou racismo recreativo? O olhar dos jovens da escola Gonsalves Dias sobre o racismo recreativo”, sob responsabilidade da pesquisadora Tatiara Assunção Sousa. Antes de decidir participar, é importante que leia atentamente este documento. Caso haja dúvidas, a pesquisadora estará disponível para prestar todos os esclarecimentos necessários.

1. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem o fenômeno do racismo, “racismo recreativo”, conceituado como práticas sutis de racismo manifestados em falas e piadas com a intenção de provocar o riso. O estudo contribui para levar a reflexão dos jovens e identificar tais práticas de racismo no chão da escola, e assim buscar mecanismos para combatê-lo. Para isso, caso a senhora aceite participar, serão realizadas uma entrevista com o seu filho Waliyson Fernando Reis Silva. As entrevistas terão duração média de 15 a 20 minutos e serão realizadas em local reservado, previamente acordado, garantindo privacidade e conforto. _____ o no ambiente escolar, respeitando a rotina dos jovens e buscando minimizar qualquer tipo de interferência.
2. Toda pesquisa envolvendo seres humanos pode apresentar riscos, ainda que mínimos. Neste estudo, poderão ocorrer pequenos desconfortos de natureza emocional, como timidez, constrangimento ao responder perguntas ou cansaço durante a participação nas atividades. Para minimizar esses riscos, serão adotadas medidas como a realização das entrevistas em ambiente acolhedor, o respeito ao tempo e à vontade dos participantes, a possibilidade de interromper ou desistir da participação a qualquer momento, além da garantia de sigilo e anonimato das informações.
3. Em relação aos benefícios, não há garantia de vantagens diretas aos participantes; contudo, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para a desnaturalização do racismo recreativo, e a conscientização de que o racismo se manifesta em práticas entendidas por muitos como “brincadeira”, principalmente no espaço escolar.
4. A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, podendo a estudante recusar-se a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao seu vínculo com a instituição. Não haverá custos nem qualquer tipo de pagamento pela participação.
5. Todas as informações coletadas serão tratadas com confidencialidade, sendo utilizadas exclusivamente para fins científicos. A identidade dos participantes será preservada, não sendo divulgados nomes ou quaisquer dados que permitam sua identificação.

Caso a Sr. _____ tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiara Assunção Sousa pelo telefone (99) 98154-3932.



Ou, pelo e-mail assuncaoosousatatiarasousa@gmail.com ou no endereço Rua Januário Veríssimo, nº 638, Centro, Barão de Grajaú – MA. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, a Sr. Andreлина de Sousa Reis poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UEMA), localizado na, nº 746, Centro, Caxias – MA, telefone (99) 3521-3938.

Declaro que fui devidamente informado sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, e que concordo voluntariamente em participar.

Finalmente, tendo a participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, a mesma concorda em participar e, para tanto eu _____

_____ declaro que concedo meu consentimento de forma livre e espontânea, sem ter sido forçada ou coagida a participar desta pesquisa.

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Fone: (99) 3521-3936 ou (99) 3521-3868.

Endereço: Praça Duque de Caxias, s/n Morro do Alecrim em Caxias/MA

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias., nº 746, Centro. Caxias/MA. Telefone: (99) 3521-3938.

Praça Duque de Caxias, Morro do Alecrim/MA, 01 de junho de 2026.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

CPF:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL LEGAL)

Convidamos a Sr. _____ na condição de mãe e responsável legal, a autorizar a participação de sua filha na pesquisa intitulada “É brincadeira ou racismo recreativo? O olhar dos jovens da escola Gonsalves Dias sobre o racismo recreativo”, sob responsabilidade da pesquisadora Tatiara Assunção Sousa. Antes de decidir participar, é importante que leia atentamente este documento. Caso haja dúvidas, a pesquisadora estará disponível para prestar todos os esclarecimentos necessários.

1. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem o fenômeno do racismo, “racismo recreativo”, conceituado como práticas sutis de racismo manifestados em falas e piadas com a intenção de provocar o riso. O estudo contribui para levar a reflexão dos jovens e identificar tais práticas de racismo no chão da escola, e assim buscar mecanismos para combatê-lo. Para isso, caso a senhora aceite participar, serão realizadas uma entrevista com a sua filha _____ o. As entrevistas terão duração média de 15 a 20 minutos e serão realizadas em local reservado, previamente acordado, garantindo privacidade e conforto. As observações ocorrerão no ambiente escolar, respeitando a rotina dos jovens e buscando minimizar qualquer tipo de interferência.
2. Toda pesquisa envolvendo seres humanos pode apresentar riscos, ainda que mínimos. Neste estudo, poderão ocorrer pequenos desconfortos de natureza emocional, como timidez, constrangimento ao responder perguntas ou cansaço durante a participação nas atividades. Para minimizar esses riscos, serão adotadas medidas como a realização das entrevistas em ambiente acolhedor, o respeito ao tempo e à vontade dos participantes, a possibilidade de interromper ou desistir da participação a qualquer momento, além da garantia de sigilo e anonimato das informações.
3. Em relação aos benefícios, não há garantia de vantagens diretas aos participantes; contudo, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para a desnaturalização do racismo recreativo, e a conscientização de que o racismo se manifesta em práticas entendidas por muitos como “brincadeira”, principalmente no espaço escolar.
4. A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, podendo a estudante recusar-se a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao seu vínculo com a instituição. Não haverá custos nem qualquer tipo de pagamento pela participação.
5. Todas as informações coletadas serão tratadas com confidencialidade, sendo utilizadas exclusivamente para fins científicos. A identidade dos participantes será preservada, não sendo divulgados nomes ou quaisquer dados que permitam sua identificação.

Caso a Sr. _____ tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiara Assunção Sousa pelo telefone (99) 98154-3932.



Ou, pelo e-mail assuncaoassuncao@gmail.com ou no endereço Rua Januário Veríssimo, nº 638, Centro, Barão de Grajaú – MA. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, a Sr. Paula Regina poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UEMA), localizado na, nº 746, Centro, Caxias – MA, telefone (99) 3521-3938.

Declaro que fui devidamente informado sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, e que concordo voluntariamente em participar.

Finalmente, tendo a participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, a mesma concorda em participar e, para tanto eu _____

_____ declaro que concedo meu consentimento de forma livre e espontânea, sem ter sido forçada ou coagida a participar desta pesquisa.

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Fone: (99) 3521-3936 ou (99) 3521-3868.

Endereço: Praça Duque de Caxias, s/n Morro do Alecrim em Caxias/MA

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias., nº 746, Centro. Caxias/MA. Telefone: (99) 3521-3938.

Praça Duque de Caxias, Morro do Alecrim/MA, 01 de junho de 2026.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

CPF:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE CAXIAS-CESC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA.

ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS: TATIARA ASSUNÇÃO SOUSA

O presente questionário faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Estadual do Maranhão. A pesquisa busca responder a questões relacionadas ao fenômeno do “racismo recreativo”, entendido como práticas sutis de racismo manifestadas em falas e piadas com a intenção de provocar riso. O objetivo desta pesquisa é compreender como as juventudes entendem o racismo recreativo no ambiente escolar. Vale ressaltar que as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, garantindo o anonimato e a confidencialidade dos participantes.

- 1) O que é o racismo e como você define?
- 2) Já vivenciou ou presenciou familiares passarem por alguma situação de racismo, qual foi sua reação?
- 3) Quais os impactos do racismo recreativo?
- 4) Você tem muitos amigos na escola? Eles já fizeram ou falaram algo que você não se sentiu bem?
- 5) Você conversou com eles sobre isso? O que disseram?
- 6) Qual foi a justificativa deles?
- 7) Você conhece ou já ouviu falar de “Racismo recreativo”?
- 8) Qual a diferença entre uma brincadeira e o racismo recreativo?
- 9) Você pode me relatar uma situação de racismo recreativo que você viveu, ou presenciou?
- 10) Quais foram as consequências dessas práticas na relação de vocês?